

## Artigo

# Jane Jacobs

## Vinicius M. Netto

Professor adjunto no Departamento de Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ  
E-mail: vmnetto@id.uff.br

NETTO, V. M. *Jane Jacobs*.  
**Revista Políticas Públicas & Cidades**, v.4, n.2, p.9–50,  
ago./dez. 2016.  
<https://doi.org/10.23900/2359-1552.2016v4n2p8>

## Resumo

A obra de Jacobs ainda é, em sua maior parte, desconhecida no Brasil. Este artigo pretende iniciar a suprir esse déficit, fazendo um panorama de seus livros, suas principais ideias, suas contribuições efetivas, os limites de suas abordagens e as controvérsias – de seu ativismo na Nova York de Edward Moses ao seu status como pioneira da jovem disciplina dos estudos urbanos, teórica em economia e pensadora transdisciplinar.

**Palavras-chave:** Jane Jacobs. Estudos urbanos. Economia espacial. Ecologia. Cultura. Transdisciplinaridade.

## Introdução

Eu devo abordar essas páginas com um olho reverente  
Pensando, com brilho, como busquei  
A palavra perfeita para vestir o pensamento perfeito...<sup>1</sup>

Jane Jacobs publicou esse início de poema no jornal *New York Herald Tribune*, em 1935, aos 19 anos, um ano após ter chegado em Nova York, em plena depressão dos anos 1930. A menina que usava níqueis para explorar como uma *flâneur* seus bairros e sua população diversa veio a revolucionar quase sozinha uma disciplina, e conquistar presença pelo menos em outra. Na verdade, nenhum outro teórico em estudos urbanos chega perto de sua influência. Por exemplo, ela é a única a se aproximar do volume de citações e menções dos gigantes da geografia e da filosofia urbana, David Harvey e Henri Lefebvre (figura 1). Apesar do lugar central que ocupa na disciplina, o público só tem disponível em português seu primeiro trabalho, o clássico *Death and Life of Great American Cities*, publicado em 1961, quando a autora tinha 45 anos. Jacobs teve uma carreira longa, e publicou outros cinco livros sobre cidades, economia, ecologia, política e cultura, outro sobre o separatismo no Canadá, dois livros para crianças, e um livro de história política ainda aos 25 anos. Veio a falecer

---

<sup>1</sup> “I should approach these sheets with reverent eye, / Thinking, with mental halo, how I sought / The perfect word to clothe the perfect thought...” (Jacobs, 2016a [1935]:9) . Todas as traduções neste artigo são de responsabilidade do autor.

em 2006, dois anos depois de publicar seu último livro, o premonitório *Dark Age Ahead*. Estava com a cabeça cheia de ideias e projetos para dois novos trabalhos.

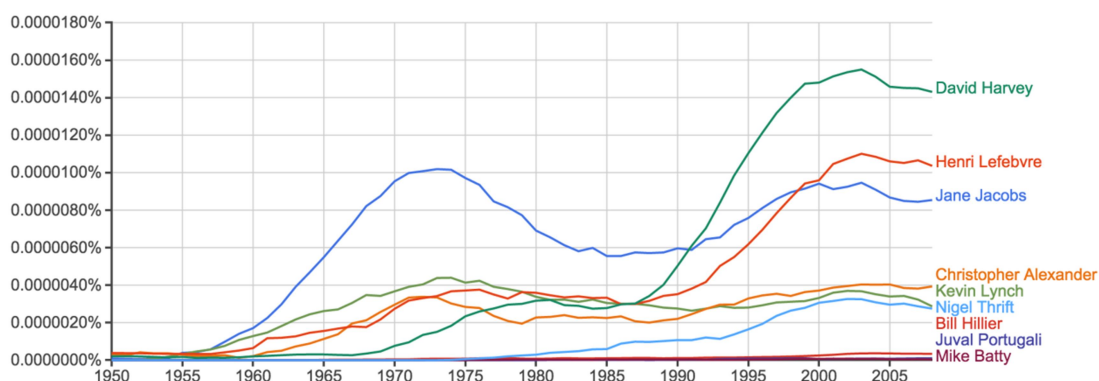


Figura 1 – Percentual de vezes em que os teóricos selecionados aparecem entre todos os ‘bigrams’ (termos compostos por duas palavras) na amostragem de livros escritos em inglês e publicados nos Estados Unidos entre 1950 e 2008. Fonte: Google books Ngram Viewer.

Percorreremos um caminho diverso, como não poderia deixar de ser o caso em um trabalho que visa cobrir a produção de uma intelectual que passou por muitas fases. Ele inicia por uma contextualização biográfica de Jacobs, revendo passos que a levaram a se tornar uma inovadora dos estudos urbanos. Em seguida, veremos suas contribuições, percorrendo os principais argumentos de seus livros. Visitaremos seu status controverso – seria ela uma observadora, uma teórica, uma pesquisadora, uma amadora...? Em seguida, veremos como suas ideias tem resistido ao crivo da verificação empírica, tanto nos estudos urbanos quanto na economia espacial. Discutirei ainda seu lugar como pensadora da auto-organização *avant la lettre*, a importância da sua escrita para o sucesso de suas ideias, e sua condição de ativista. Finalmente, veremos seus livros comentados, sua última hipótese, que permaneceria incompleta, e algumas considerações finais sobre como entender seu lugar no nosso campo hoje. A Jane Jacobs que buscarei apresentar vai além da autora do conhecido *Morte e Vida*, e talvez soe estranha ao leitor. Isso será necessário, se desejamos conhece-la melhor. A maior parte da obra e das contribuições de Jacobs ainda é desconhecida no Brasil, e este artigo sugere iniciarmos a corrigir essa deficiência.

## Jane Butzner vai à Nova York

A biografia de Jane Jacobs parece entrelaçada com seu fascínio pela linguagem, pela cidade e pelas condições da vida material. Nascida em 1916 em Scranton, pequena cidade industrial na Pensilvânia, Jacobs escrevia e publicava poesia aos 9 anos. Aluna inquieta, teve problemas disciplinares durante os primeiros anos de formação. Seu pai, médico, e sua mãe, enfermeira, encorajavam suas filhas a serem independentes. O casal tinha grande apreciação por cidades (“meus pais eram encantados em viver na cidade”).<sup>2</sup> Jane Butzner (seu nome de solteira) viu Nova York pela primeira vez quando menina, em 1928, chegando de barco. Caminhou em Wall Street ao meio-dia,

<sup>2</sup> “My parents were delighted to live in the city” (Jacobs, 2016b [2001]:84).

“espantada com todas as pessoas nas ruas... a cidade estava simplesmente vibrando. Estava cheia de gente.”<sup>3</sup> Depois de trabalhar em uma redação de jornal em Scranton aos 18 anos, decidiu enfrentar a Grande Depressão e a dificuldade financeira, vindo morar com a irmã Betty no Brooklyn, em 1934. Nas manhãs, atravessava a ponte para Lower Manhattan procurar por emprego. Nas tardes, explorava a cidade. “Se eu tivesse parado em um lugar onde eu já tivesse olhado ao redor, eu gastaria um níquel no metrô e iria arbitrariamente para algum outro, parar e olhar ao redor”.<sup>4</sup> De volta à casa, escrevia observações sobre o que tinha visto.

Jane Butzner conseguiu diferentes trabalhos como secretária, e neles seguiu por 5 anos. Porém, suas caminhadas por Nova York se tornaram artigos, mais tarde vendidos à conhecida revista *Vogue*, entre 1936 e 1937. Os artigos lhe rendiam 40 dólares cada, enquanto ganhava 12 dólares por semana em seu emprego regular. “Eu estava o tempo todo tentando ser uma escritora”.<sup>5</sup> Escreveu artigos de domingo para o jornal *Herald Tribune* e ensaios para a *Q Magazine*. Os artigos descreviam situações e pessoas envolvidas na produção e no comércio de pequena escala – as redes que pareciam se especializar e concentrar em certas partes de Manhattan: o trabalho em peles, couro, sapatos, o preparo e venda de flores, a intrincada teia de produção e venda de jóias. Conversava com lojistas nas ruas. Aos 21 anos, Jacobs fazia descrições da vida urbana e suas redes materiais e sociais. Era fascinada pelos modos como essas redes pareciam se auto-organizar para sobreviver (Flint, 2009). Ela não sabia então, mas esse fascínio com as práticas, as organizações e o *ethos* que emergem entre atores interagindo e engajados no esforço material do trabalho e da troca pautaria toda sua obra.

É senso comum o fato de que Jacobs não tinha formação superior, mas isso não é inteiramente preciso. Jane Butzner decidiu entrar na faculdade para dar impulso a sua carreira como jornalista. Ingressa no Extension Program da Columbia University em 1938, que viria a ser a School of General Studies. A estrutura do curso, voltada para alunos *part-time*, permitia que ela cursasse disciplinas de vários temas, incluindo filosofia, legislação de patentes, lei constitucional, instituições legais e sobretudo geografia econômica, um campo novo no Departamento de Geografia de Columbia nos anos 1930, que enfatizava a reciprocidade entre atividade humana e o ambiente. Em 1940, já tinha um número de avaliações suficientes para obter a graduação por Barnard, distinta faculdade para mulheres de Columbia. No entanto, Barnard demandava algumas disciplinas obrigatórias. Nesse momento, sua trajetória anterior como aluna inquieta e indisciplinada teve um custo. Suas notas no ensino médio não permitiam que atingisse todos os requerimentos de Barnard (Zipp e Storrington, 2016). Jacobs saiu de Columbia frustrada com esse sistema formal, e desde então manteria

---

<sup>3</sup> “And I was flabbergasted at all the people in the streets... the city was just pumping. It was all full of people” (Jacobs, 2016b [2001]:51).

<sup>4</sup> “...if I had ended up in a place where I had already looked around I would spend a nickel on the subway and go arbitrarily to some other stop and look around there” (Jacobs, 2016b [2001]:53).

<sup>5</sup> Jacobs (2016b [2001]:56).

uma relação de desconfiança com a academia, a qual viria a criticar como ‘credencialista’, recusando titulações honorárias ao longo de sua carreira.

### ‘Becoming Jane Jacobs’<sup>6</sup>

Mas esses anos em Columbia mostraram outro tipo de potencial: sua habilidade como pesquisadora. Aos 25 anos, Jacobs publicou seu primeiro livro, *Constitutional Chaff: Rejecting Suggestions of the Constitutional Convention of 1787*, sobre a criação da Constituição americana como uma estrutura flexível de leis que poderiam evoluir no tempo. Publicado pela própria Columbia University Press em 1941, sob seu nome de solteira, o livro teve críticas positivas e seria ainda hoje mencionado sobre o tema – ainda que ela mesma, mais tarde, tenha excluído o trabalho de sua bibliografia. Naquele mesmo ano, começa a trabalhar como secretária na publicação *The Iron Age*, voltada para a indústria de mineirais, onde rapidamente passa a ser editora associada, e a ter contato com o mundo interno de um setor da economia e com seu funcionamento. Em 1944, conhece Robert Jacobs, com quem se casa dois meses depois, e assume seu sobrenome. Entre 1943 e 1952, Jacobs trabalha em agências governamentais, primeiramente no Office of War Information, durante a II Guerra Mundial, e depois no State Department, onde contribui para a publicação *Amerika* a partir de 1946, orientada a comunicar valores americanos aos soviéticos. Em 1948, ela se muda para o endereço na 555 Hudson Street, onde escreveria seus dois primeiros livros.

Jacobs inicia seu trabalho na revista *Architectural Forum* (1952-1962) como editora especializada em hospitais e escolas, e, a partir de 1955, passa a cobrir o tema da renovação urbana. Inicialmente favorável ao urbanismo moderno praticado então, suas observações *in loco* dos projetos executados alteram profundamente sua avaliação dos preceitos modernistas. Em 1956, substituindo seu chefe, que não pôde atender o evento, faz uma comunicação na Conference on Urban Design, em Harvard, colocando-se francamente contra a prática do urbanismo amparada na teoria normativa moderna. A palestra teve grande efeito sobre os presentes, incluindo alguns dos arquitetos e teóricos que lideravam a disciplina, e Lewis Mumford, a maior autoridade em urbanismo da primeira metade do século XX, nos Estados Unidos.

Então eu fiz a comunicação e um ataque à [renovação urbana]. Foi uma verdadeira provação para mim. Eu não tenho lembrança da palestra em si. Eu entrei em hipnose e disse o que tinha memorizado. E eu sentei, e foi um grande sucesso porque ninguém tinha ouvido outra pessoa dizendo aquelas coisas, aparentemente... Mumford estava na platéia, e ele me recebeu com muito entusiasmo. Eu tinha me hipnotizado, mas aparentemente tinha hipnotizado a eles também.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Lembro aqui o título de biografia “Becoming Jane Jacobs”, de Peter Laurence (2016).

<sup>7</sup> “So I made a talk and I made an attack on [urban renewal]... It was a real ordeal for me. I have no memory of giving it. I just went into some hypnosis and said this thing I had memorized. And I sat down, and it was a big hit because nobody had heard anybody saying these things, apparently... Mumford was in the audience, and he very enthusiastically welcomed me. I had hypnotized myself, but I had apparently hypnotized them too” (Jacobs, 2016b [2001]:82).

Aquele evento imprevisto foi um dos pontos determinantes da trajetória que se desenharia. William H. Whyte, editor da revista *Fortune* que adiante se tornaria um reconhecido pesquisador do uso dos espaços públicos, ouviu falar da palestra e convidou Jacobs para escrever um artigo (Flint, 2009). O resultado é “Downtown is for people”, publicado em 1958, parte da série de ensaios sobre problemas urbanos editada por Whyte. Outras comunicações viriam, como “A living network of relationships”, palestra na renomada New School for Social Research, em Nova York, na qual flerta com os princípios sistêmicos da auto-organização das cidades. Jacobs estaria pronta para escrever seu primeiro livro sobre cidades e a trama da vida cotidiana.

A passagem dos anos 1950 para os 1960 foi um período extraordinário na fundação dos estudos urbanos como hoje conhecemos. Pensadores originais da cidade apareceram como numa onda. Em 1958, os artigos de Jacobs atraíram a atenção da Rockefeller Foundation, que aspirava estimular o emergente campo do *urban design*. Das conversas entre Jacobs e seu contato na fundação, Chadbourne Gilpatric, resulta a Penn-Rockefeller Conference on Urban Design Criticism, na University of Pennsylvania, no mesmo ano (Laurence, 2016). Além de Jacobs, participam novos e estabelecidos expoentes do pensamento sobre cidades, notadamente Lewis Mumford, o arquiteto Louis Kahn, o economista William Wheaton e Kevin Lynch, ambos do MIT (figura 2).



Figura 2 – Pausa para a recepção na Conference on Urban Design Criticism, no Penn Institute, em Westchester, NY (1958). Fonte: Grady Clay in Laurence (2016).

A estatura que esses participantes viriam a ter em seus campos sugere algo de extraordinário nessa reunião (e nessa imagem, uma espécie de ‘santa ceia urbanística’, a la Da Vinci). Dela, viria o suporte financeiro da Rockefeller Foundation para a produção de *The Death and Life of Great American Cities*. Naqueles mesmos anos, Kevin Lynch desenvolve seu método em Boston, Jersey City e Los Angeles, publicado em 1960 como *The Image of the City*, também com apoio da Rockefeller Foundation – e, possivelmente, o primeiro livro a incluir pesquisa empírica como pressuposto científico nos estudos urbanos, ainda que hoje não resistisse a standards empíricos rigorosos.<sup>8</sup>

Na Europa, Muratori e colegas estabelecem a escola tipológica italiana em *Studi per una operante storia urbana di Venezia*, de 1960. Gordon Cullen lança seu método de observação em *Townscape* em 1961. Em 1964, Christopher Alexander publica seu primeiro livro, *Notes on the Synthesis of Form*, um impressionante *insight* sobre da geração da forma, e, em 1965, inaugura a visão topológica da cidade, em paralelo à sua descrição do dualismo entre razão e intuição no processo do design, no premiado artigo “A city is not a tree”. Entre 1965 e 1968, Leslie Martin e seu orientando Lionel March publicam artigos sobre o desempenho de arranjos da forma urbana, que reuniram no livro *Urban Space and Structure*, de 1972. Em 1969, Jacobs lança seu novo livro, agora sobre o papel das cidades na vida econômica. Experimentações com interação espacial aparecem no trabalho de Alan Wilson em 1967 e de Mike Batty em 1976, enquanto, entre 1972 e 1976, Hillier e colegas iniciam a enfatizar o papel sistêmico da topologia das ruas para sociedades enquanto sistemas de encontro (figura 3).

---

<sup>8</sup> Lynch desenvolveu seu método aparentemente de modo indutivo, a partir de apenas 30 entrevistas em Boston, 15 em New Jersey e 15 em Los Angeles (Lynch, 1988 [1960]: 27). Ciente dessa limitação, o próprio Lynch introduz sua investigação como ‘preliminar’ e baseada em um ‘pequeno estudo piloto’ (Lynch, 1988; veja Marshall, 2012). Adiante, Lynch menciona o uso de hipóteses (p.156), o que não esclarece exatamente o processo (se indutivo ou dedutivo), nem como as categorias dos cinco elementos da imagem foram derivadas.

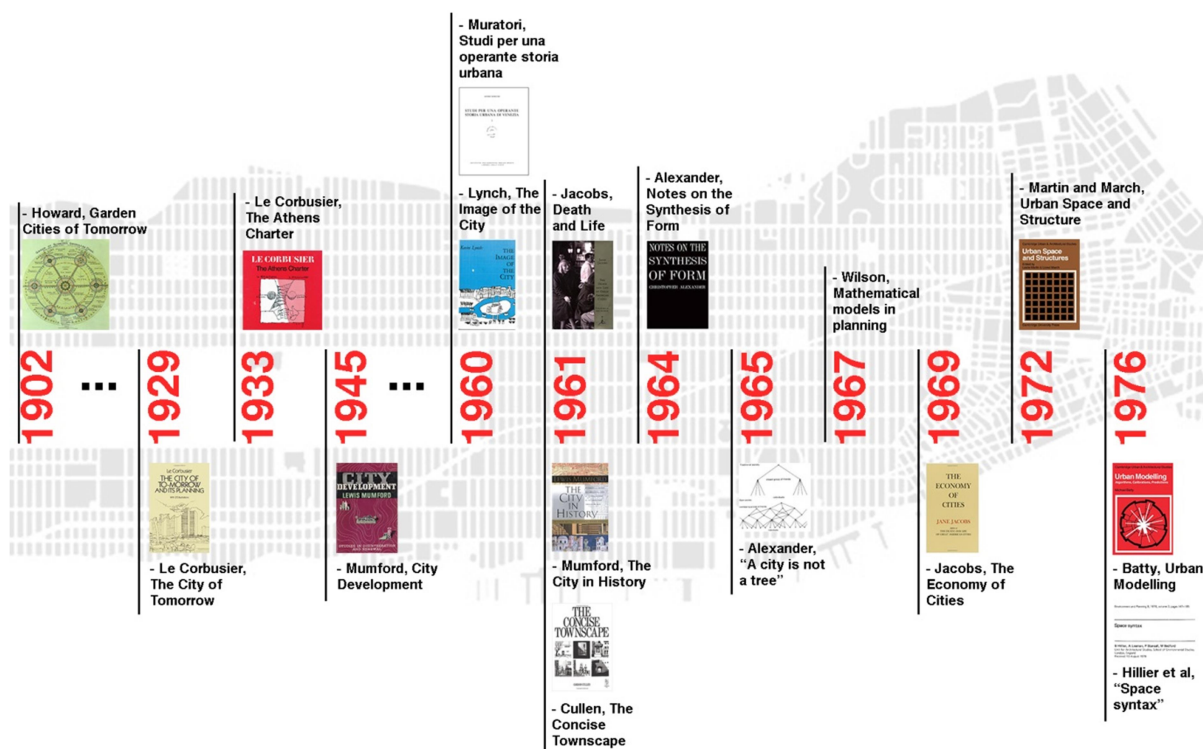


Figura 3 – Linha do tempo para algumas das principais publicações em urbanismo do Séc. XX.

Fonte: Moreira e Netto.

Essas são algumas das abordagens que deram início aos estudos urbanos como campo de saber científico, diferentemente das teorias normativas urbanas, pré-modernas e modernas. Elas surgem no contexto de reconstrução de cidades a partir dos princípios modernistas, sob suas impressões e impactos. Não é exagero dizer que linhas inteiras de investigação se abriram a partir desses trabalhos. Boa parte dos pilares da disciplina coincidem com as áreas fenomenais descobertas por esses pioneiros. Entretanto, o status da teoria urbana, que emerge naqueles anos, era (e segue sendo) questionado por alguns como ‘pré-científico’ ou ‘pseudocientífico’. Vejamos o status de Jacobs nesse cenário.

## As principais contribuições

Há uma consistência admirável na direção de seus escritos, desde o jornalismo sobre parques e esquinas na cidade como organismo aos princípios da vida pública.

David Warren, entrevistador para *The Idler*, 1993<sup>9</sup>

Por onde o pensamento de Jacobs passou? Depois de anos de trabalho jornalístico e observações das redes de interdependências e do papel da diversidade em muitas cidades em seu país, que a levaram à condição de ‘pensadora da cidade’ em *The Death and Life of Great American Cities*, de 1961, até seu último trabalho como ‘pensadora

<sup>9</sup> “There is a wonderful consistency of direction in your writings, from the earliest journalism on parks and city corners through the organism of cities to the principles of public life” (em Jacobs, 2016a [1993]:324).

da cultura' em *Dark Age Ahead*, de 2004, Jacobs passou por fases distintas, ampliando progressivamente seu leque substantivo (figura 4).

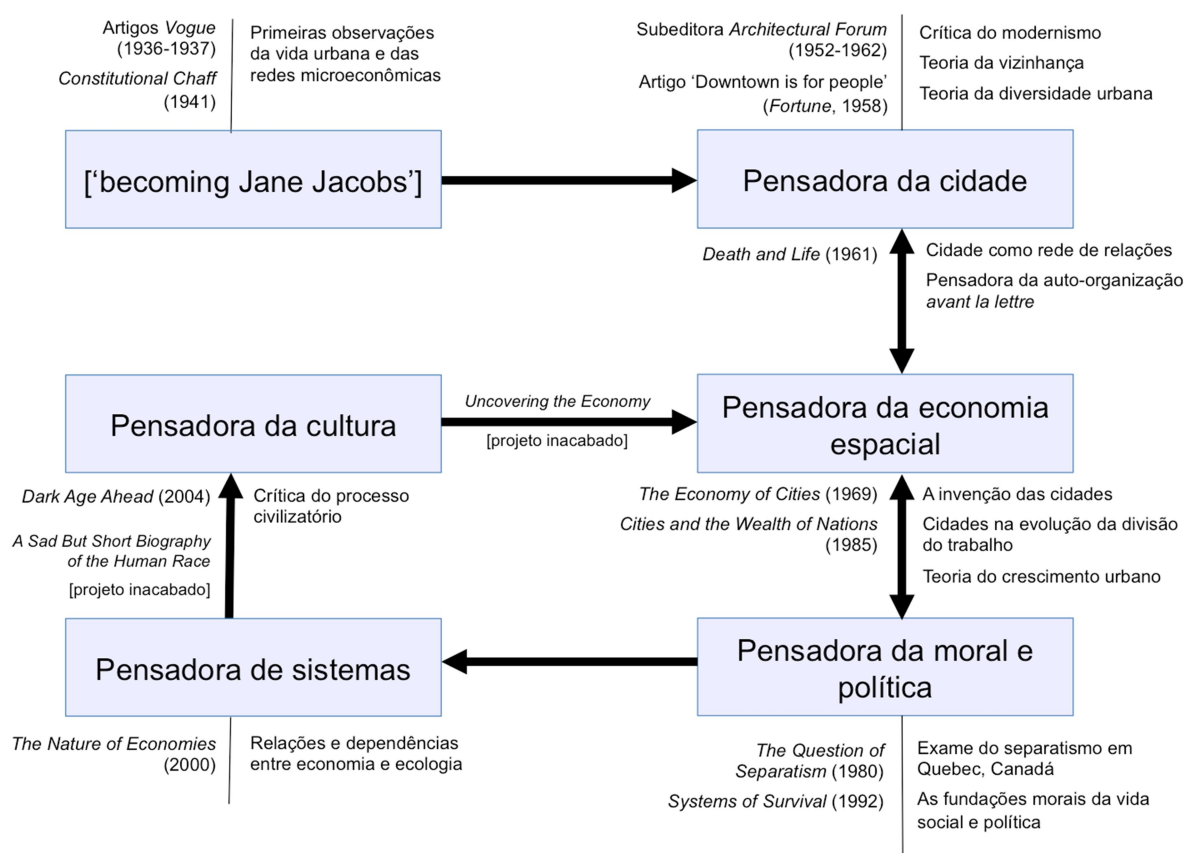


Figura 4 – A trajetória de Jacobs e suas principais fases. Fonte: Autor

Visitemos essa trajetória jacobsoniana. A autora lança sua crítica ferrenha ao urbanismo moderno, junto a proposições teóricas alternativas para entender o funcionamento de cidades, em *The Death and Life of Great American Cities* (1961) – seu único livro publicado no Brasil, como *Morte e Vida das Grandes Cidades* (o que aconteceu com a palavra “Americanas”, presente no título original e que define o caráter contextual, específico do livro?).<sup>10</sup> Como os artigos publicados em 1958, o livro trazia ideias absolutamente estranhas ao cânone da prática e teoria urbanas de então – uma ousadia talvez mais possível a alguém vindo de fora da ortodoxia da disciplina. O feito admirável é que essas proposições radicais viriam a se tornar parte da linguagem e do ‘senso comum’ hoje na disciplina. Elas incluem a importância da rua e do contato público; a ideia dos ‘olhos na rua’ – a relação entre a presença de aberturas e a segurança no espaço livre; e a teoria da ‘vizinhança bem sucedida’, no Brasil recebida como ‘vitalidade urbana’. Como essas ideias são debatidas em detalhe também na literatura em português, farei apenas um apanhado, de modo a focar nos nexos da produção como um todo de Jacobs.

<sup>10</sup> Veja o artigo de Andrei Crestani e Brenda Pontes, neste volume, enfatizando os excessos na interpretação, derivados desta generalização a qual Jacobs provavelmente rejeitaria.



Em *Death and Life*, Jacobs recomenda quatro pilares do planejamento eficaz da vizinhança e da cidade:

- Promover ruas animadas e interessantes.
- Fazer o tecido das ruas como uma rede contínua como possível através dos bairros e áreas da cidade.
- Utilizar parques, praças e edifícios públicos como parte do tecido da rua, intensificando a complexidade do tecido e usos múltiplos, em vez de segregar diferentes usos.
- Promover uma identidade funcional ao nível do bairro.

Uma das principais proposições toca as condições da diversidade urbana, na Parte 2 do livro. Jacobs define quatro geradores de diversidade como fator de sustentação da vida urbana (a ‘vizinhança bem sucedida’) capazes de criar *pools* ou recursos econômicos efetivos para o uso social do espaço:

- Usos primários mistos, ativando as ruas em diferentes momentos do dia.
- Quarteirões curtos, permitindo alta permeabilidade para pedestres.
- Edifícios de idades variadas.
- Concentração de pessoas.

Hoje a ideia de que a diversidade é o motor da vitalidade urbana soa auto-evidente – mas só porque Jacobs venceu sua batalha teórica e alimentou uma nova ortodoxia, hoje fixada, do New Urbanism ao debate da cidade sustentável (Gordon e Ikeda, 2011). Entendo que a principal contribuição deste livro, tido frequentemente como o mais influente na disciplina, é identificar as condições da complexidade como princípios de auto-organização, animados pelos vetores da diversidade microeconômica e da forma urbana. Entretanto, veremos que o sistema teórico que Jacobs propôs em *Death and Life* são apenas o início das relações que ela exploraria nas suas fases seguintes. Muitas contribuições vieram depois, no seu trabalho sobre as condições da vida econômica, moral e política – a maior parte da sua obra, subestimada na nossa disciplina.<sup>11</sup> Temos aqui o caso em que um livro é tão bem-sucedido que termina eclipsando a obra que se segue, dentro de seu campo. O fato de que Jacobs se moveu em direção às amarrações entre cidade, sociedade, economia e, adiante, ecologia e as condições morais da vida social, possivelmente entrou em choque com as bordas dos estudos urbanos, freado pelo foco substantivo e pelas epistemologias que predominam. Entretanto, Jacobs atraiu interesse em outra área do conhecimento: a economia.

“As pessoas ignoram os fios cotidianos que correm através da vida econômica”.<sup>12</sup> Jacobs abre seu livro *The Economy of Cities*, de 1969, com uma hipótese radical: ela propõe a rejeição da ideia de que a agricultura precede as cidades: a suposição de que

<sup>11</sup> Jacobs (2016b [2001]:85).

<sup>12</sup> “... people ignore the common threads that run though economic life” (Jacobs, 2016b [2005]:116).

idades dependeram de uma condição de produção agrícola excedente para virem a existir. Ela propõe que a prática agrícola se desenvolve e intensifica a partir da demanda das cidades que então surgiam. Cidades emergiriam a partir de práticas comerciais e da crescente divisão do trabalho na domesticação e criação de vínculos supra-parentescos, tornando a família individual subordinada a formações sociais e econômicas maiores e mais complexas, envolvendo produtores de utensílios e objetos, construtores, comerciantes e artesãos, marcadamente na região da Anatólia (hoje, Turquia) entre 7.500 e 5.700 A.C (figura 4). É a economia das cidades emergindo que criaria novos tipos de trabalho no mundo rural. “A produção rural é literalmente a criação do consumo da cidade” (p.40). Essa é uma inferência altamente inteligente, mas também arriscada, feita sem o apoio do envolvimento empírico direto, *in loco*, e sem o suporte do *mainstream* da arqueologia. Jacobs imaginava astutamente cadeias de causas e efeitos, mas o fazia apoiando inferência sobre inferência.



Figura 5 – Çatal Höyük (7.500-5.700 A.C), protocidade com cerca de 10.000 habitantes na Anatólia, hoje Turquia, discutida por Jacobs em sua investigação da origem e crescimento das cidades (níveis V, VI B e VII). Fonte: Netto e Cacholas, a partir de Mellaart (1967)

Em termos lógicos, a hipótese é consistente: acreditar que culturas humanas produziram tecnologias e excedentes de produção sem a demanda concreta da produção faz pouco sentido. É como inventar *oferta sem haver uma demanda*. Mas talvez fosse possível achar um ponto capaz de contemplar os achados arqueológicos (por exemplo, quanto a objetos e utensílios usados pelos primeiros agricultores), datados rigorosamente, e o sentido material e econômico nas práticas, tanto agrícolas quanto protourbanas, investigadas por Jacobs. A agricultura, como prática de intervenção artificial no solo, pode ser em si mais antiga que a cidade, mas a agricultura como cultura *em escala* parece depender da criação de uma demanda – uma demanda que, por sua vez, depende de populações suficientemente numerosas, também capazes de criar tecnologias para a agricultura como *cultura*. De qualquer modo, as protocidades encontradas na Anatólia, e posteriormente em outras regiões, alimentariam a atividade rural.

Essa provocação de Jacobs é só o começo. Este é possivelmente seu livro mais rico, no sentido teórico. “Como as cidades adquiriram mais *divisões do trabalho* que outros tipos de assentamentos?” (p.50). Ele passa a descrever a adição progressiva de novas atividades de trabalho ao trabalho existente, ou em outras palavras, como novo

trabalho multiplica a divisão do trabalho:  $D + A \rightarrow nD$ , onde D é a divisão do trabalho, A é a nova atividade, e n o número de novas divisões do trabalho criadas a partir da adição de A. Jacobs endereça a geração espontânea da economia, onde “um tipo de trabalho leva à outro”, e o aumento de possibilidades de combinação das divisões existentes – a progressiva adição que inclui acidentes e imprevisibilidades de combinações que hoje chamamos ‘serendipidade’ – a inovação incidental, que vem de conexões entre ideias estranhas entre si, e da exposição a ideias e eventos que não podem ser antecipados. “Quanto maior o número de atividades e variedades de divisões do trabalho atingidas em uma economia, maior sua capacidade inerente para combinar divisões do trabalho de novos modos” (p.59) (figura 6).

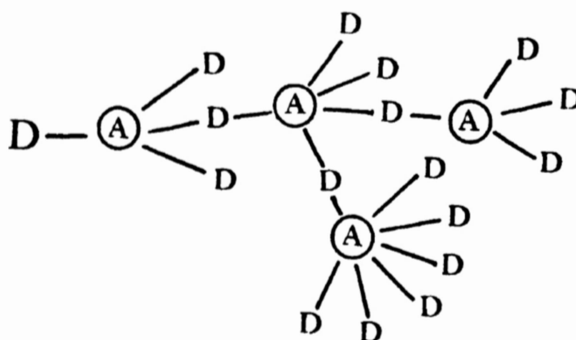


Figura 6 – Multiplicações progressivas na divisão do trabalho, a partir de novas atividades.

Fonte: Jacobs (1969a)

Essa é uma das razões porque uma economia centralizada verticalmente, *top down*, dificulta a geração espontânea de novas atividades ou especializações. Elas travam o processo de inovação e aprofundamento da divisão do trabalho de modo orgânico, a partir de atividades e processos anteriores (p.61-2). Categorias pré-definidas e um planejamento totalizante restringem a emergência de novas atividades e técnicas a partir das antigas, e os processos combinatórios da serendipidade. Jacobs endereça aqui as condições materiais da *criatividade* e da *inovação*. No outro extremo, Jacobs também é crítica da visão de divisão do trabalho originada no economista da mão invisível, Adam Smith, ainda no século XVIII: o entendimento de divisão de trabalho em Smith é simplesmente o da organização do trabalho, ao passo que em Jacobs é o processo emergente, auto-organizado de especialização, incluindo a criação de novas atividades a partir de velhas divisões do trabalho. A divisão do trabalho é viva e relacional em Jacobs.

Jacobs descreve em detalhes o padrão de transformação de uma indústria (um setor da economia) a partir da quebra de processos de manufatura em fragmentos simples, desempenhados por uma série de agentes produtivos. Produtos complexos antes importados passam a ter suas partes feitas dentro da própria economia local (uma cidade ou região), gerando a substituição dessas importações, e ganhos de aprendizado que frequentemente envolvem agentes de setores distintos de uma economia, incluindo as poderosas forças econômicas contidas nos efeitos

multiplicadores das exportações e substituições de importações, que fazem uma economia local se diversificar e expandir rapidamente.

Expansão e desenvolvimento são duas coisas diferentes. O desenvolvimento é a diferenciação do que já existia. Praticamente cada coisa nova que surge é uma diferenciação de uma coisa precedente, de uma sola nova de sapato às mudanças em códigos legais. Expansão é um crescimento real em tamanho ou volume de atividade. [...] escrevi sobre a substituição de importações e como isso expande não apenas a economia do lugar onde ela ocorre, mas também a vida econômica. Quando uma cidade substitui importações, ela desloca suas importações. Não importa menos.<sup>13</sup>

Jacobs acreditava que esta era sua principal descoberta, pela qual ela gostaria de ser lembrada. A ideia é diretamente derivada de seu entendimento anterior das condições da diversidade, densidade e vitalidade urbana.<sup>14</sup> A substituição de importações, como vetor de crescimento econômico, acontece endogenamente, quando pequenas empresas expandem suas atividades com linhas adicionais de trabalho, suprimindo seu mercado local. A cidade passa a exportar, enquanto amplia suas relações de importação de outras cidades e regiões, para incluir mais insumos. Na verdade, esse argumento pode servir como uma crítica das políticas de desenvolvimento econômico de regiões focadas em ‘atrair negócios’ com reduções fiscais e outros meios, à despeito da cultura de atividades que já possuem (Helie, 2010). A teoria levou algo como duas décadas para repercutir, mas foi interpretada na geografia econômica em uma direção bastante prolífica: os *spillover effects* ou ‘transbordamentos’ de conhecimento que acontecem quando as atividades de um setor se concentram, introduzidos pelo grande economista inglês Alfred Marshall (1890). Em contraste com a ênfase de Marshall nos transbordamentos a partir especialização em uma atividade (digamos, como numa cidade que cresce por ter muitas atividades de uma mesma indústria), Jacobs enfatiza os ganhos positivos da relação *entre setores distintos* da economia, com a ‘fertilização cruzada de ideias’. As interações entre as pessoas nas cidades as ajuda a ter ideias e inovar. Jacobs também favorece a concorrência *local*, porque acredita que ela acelera a adoção de tecnologias. A teoria de Jacobs prevê que as indústrias localizadas em áreas altamente diversificadas cresçam mais rapidamente. Como Marshall, Jacobs ainda se refere ao valor da diversidade e complementaridade na oferta de trabalho para *reduzir o risco* gerado por flutuações econômicas.<sup>15</sup> Como veremos adiante, os benefícios da diversidade econômica local foram mais tarde submetidos ao crivo da verificação empírica rigorosa, e ganharam um nome: as ‘economias Jacobs’.

---

<sup>13</sup> “Expansion and development are two different things. Development is differentiation of what already existed. Practically every new thing that happens is a differentiation of a previous thing, from a new shoe sole to changes in legal codes. Expansion is an actual growth in size or volume of activity. [...] I wrote about import replacing and how that expands, not just the economy of the place where it occurs, but economic life altogether. As a city replaces imports, it shifts its imports. It doesn't import less.” Em “City Views: Urban studies legend Jane Jacobs on gentrification, the New Urbanism, and her legacy”, entrevista com Bill Steigerwald, revista Reason, Junho 2001.

<sup>14</sup> Em entrevista com Bill Steigerwald, revista Reason, Junho 2001.

<sup>15</sup> Rosenthal e Strange (2004), Nakamura (2008).

A iconoclasta segue viva em *Cities and the Wealth of Nations* (1985), título que evoca o clássico de Adam Smith. Iniciando por revisões críticas amplas da teoria econômica desde Smith e Marx e avançando em sua afirmação da cidade na vida econômica de uma sociedade, Jacobs agora questiona o que chama de suposição não-examinada: a “tautologia mercantilista de que as nações são as entidades salientes para entender a estrutura da vida econômica” (p.30; 44). A principal (e radical) proposição de Jacobs é colocar a cidade no centro da análise econômica, explorando o mecanismo descoberto no livro anterior: as forças postas em marcha por cidades imersas em processos de substituição de suas importações – forças que moldarão redes de cidades e regiões, com efeitos sobre suas nações. A cidade deveria assumir essa proeminência, porque nações dependem de cidades como arranjos de redes de produção e inovação – uma ideia lembrada recentemente pelo conhecido economista de Harvard, Edward Glaeser (2010).

Sua abordagem avança em *Systems of Survival* (1992), ao expandir a ideia de Platão sobre dois sistemas de valores fundamentais, radicalmente diferentes – mas simbióticos e interdependentes: a ‘síndrome do comércio’ e a ‘síndrome do guardião’ (‘síndrome’ do grego original, significando ‘coisas que correm juntas’). O primeiro é o ‘impulso ao comércio’, a concordância voluntária como a essência da troca entre pessoas, um pilar da vida material concreta desde o início da formação de divisões complexas do trabalho. Elementos de cosmopolitanismo emergem a partir da presença de estranhos fazendo negócios em lugares comerciais e cidades – uma “necessidade funcional que se torna um traço cultural” (Jacobs, 1992:35), uma capacidade para lidar com a reprodução material de uma sociedade geralmente ignorada na filosofia (Jacobs, 2016a:295) e, eu adicionaria, nas teorias atuais, tanto social quanto urbana. Por sua vez, o segundo princípio se relaciona à vida moral e à responsabilidade sobre o território, ao impulso à organização governamental ou a movimentos de grupos sociais, e à lealdade ao interesse público.

Jacobs identifica esses dois princípios como responsáveis por funções societais, operando em torno de conjuntos distintos (mas complementares) de preceitos morais como a rejeição da força, o foco na eficiência e criatividade, o amparo em acordos voluntários, o respeito a contratos, o *ethos* do trabalho e a colaboração com estranhos, na síndrome do comércio; e a aderência à tradição, a rejeição do comércio, o respeito à hierarquia e foco na justiça e lealdade, na síndrome moral do guardião. Esses dois princípios regem instâncias distintas da vida social, como a reprodução material no primeiro caso, e a governança de grupos e territórios no segundo.

As *ciências* floresceriam em sociedades que atingiriam vitalidade comercial: a lógica da contribuição científica parece ecoar e depender da liberdade da troca econômica e cultural na forma de colaborações e iniciativas (eu adicionaria a supervisão moral do guardião, preservando o desinteresse comercial e o espírito público das ciências); ao passo que as *artes* poderiam florescer mesmo nas condições de organização socialmente mais controladoras. *Conflitos* emergem quando se tenta misturar as

síndromes, ou se tenta opera-las individualmente a partir dos preceitos da outra síndrome – digamos, operar um Estado como um empreendimento comercial, ou uma economia a partir da lógica totalizante ou da autoridade centralizadora do guardião.<sup>16</sup> Por exemplo, lealdades divididas em um governo podem levar à corrupção: governantes podem comercializar favores motivados pela lógica da troca. Essas situações levam ao que chama “híbridos morais monstruosos”, como governos corruptos, ou governos que desdenham a centralidade da vida comercial na reprodução material, ou que desdenham arranjos sociais abertos ao surgimento espontâneo de novas agências e ações.

Trata-se de uma construção indutiva, a partir das observações de Jacobs sobre as reações morais das pessoas a respeito de comportamentos sociais distintos, publicadas em jornais e outros veículos. O dualismo platônico do impulso ao comércio e do impulso à responsabilidade da tradição e do território levado à categoria de função civilizatória soa incomum, mas lembra as categorias de ação social de Max Weber (1972:24), como a ação instrumental e a ação motivada pela tradição. Traz sobretudo a influência do historiador Henri Pirenne e seu *Medieval Cities: Their Origins and the Revival of Trade* (1925), sua discussão das tensões entre organização política e econômica, e das transformações que levaram a estruturas de liberdade e democracia sem precedência (Page, 2011).

Em *The Nature of Economies* (2000), Jacobs, aos 84 anos, problematiza tanto o senso comum quanto visões disciplinares estabelecidas a respeito da separação entre ‘economia’ e ‘ecologia’, e pretende abrir “uma brecha na barreira que separa a espécie humana e sua atividade do restante da natureza”.<sup>17</sup> Para além da raiz etimológica comum (o prefixo de ambos, ‘eco’, é derivado do grego *oiko*, significando ‘casa’; o sufixo ‘nomia’ significa ‘gestão’; ‘logia’ significa ‘lógica’ ou ‘conhecimento’), Jacobs evoca paralelos entre os dois campos fenomenais como “intrincadas redes de interdependência” (p.20). Seu interesse é o de ampliar o estudo da ecologia como “a economia da natureza”, introduzido por estudiosos na era Vitoriana, em direção ao estudo da “natureza da economia”. A ciência econômica ainda não teria entendido que a natureza estabelece as fundações da vida humana, assim como seus limites. Paralelamente, a vida econômica é regida por processos e princípios que não seriam mera criação humana – e que, portanto, não podem ser transcendidos.

Eu equiparo [o processo de expansão econômica] ao que acontece com a biomassa, a soma total de toda a flora e fauna de uma área. A energia, o material que está envolvido, não escapa simplesmente da comunidade, como uma exportação. Ela continua sendo usada em uma comunidade, assim como em uma floresta tropical os resíduos de certos organismos e várias plantas e animais são usados por outros no lugar.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Jacobs (1992; 2016a [1993]:291).

<sup>17</sup> Jacobs (2000:x).

<sup>18</sup> “I equate it to what happens with biomass, the sum total of all flora and fauna in an area. The energy, the material that’s involved in this, doesn’t just escape the community as an export. It continues being used in a community, just as in a rainforest the waste from certain organisms and various plants and

Jacobs propõe três princípios universais na continuidade e desenvolvimento de sistemas ecológicos e econômicos: (i) a diferenciação (de eventos naturais ou econômicos) emerge da generalidade, como uma condição contextual de fundo. Por exemplo, o óvulo fertilizado é a condição de ‘generalidade’ a partir da qual repetições e diferenciações emergirão na reprodução celular. (ii) Uma diferenciação se torna uma nova generalidade, da qual mais diferenciações poderão emergir. (iii) O desenvolvimento depende de co-desenvolvimentos. Essa aparente tautologia significa que o desenvolvimento de um sistema não pode ser pensado como uma linha ou uma coleção de linhas abertas. Ele opera como uma teia de interdependências. O processo é aberto e intensifica a diversidade e relacionamentos de co-desenvolvimento mais numerosos e intrincados, e seu papel na expansão dos dois tipos de sistema. Na exploração das ideias de ‘massa crítica’ e diferenciação em *The Nature of Economies*, aparece um componente espacial já sugerido em *The Economy of Cities*: a importância da localização dos eventos que compõe os processos – um princípio material agora extrapolado também para fenômenos biológicos.

Em seu último livro publicado em vida, *Dark Age Ahead* (2004), Jacobs de certa forma se recolhe em seu papel como teórica, para assumir o papel de crítica dos tempos. Ela tinha então 88 anos. Havia publicado seu clássico *Death and Life* 43 anos antes. O caminho de contribuições que se inicia no *topos* da teoria e segue em direção ao projeto político ou à crítica da cultura não é incomum entre os teóricos mais propositivos. O filósofo e sociólogo Jürgen Habermas e o geógrafo David Harvey passam por fases análogas em suas maturidades – ou assim me parece. Mesmo que não afeita a exercícios em futurologia, Jacobs soa terrivelmente premonitória neste livro em particular. Por exemplo, quatro anos *antes* da mais recente crise mundial em 2008, iniciada nas agências de financiamento imobiliário a partir dos juros das hipotecas, Jacobs afirma que: “De qualquer modo, mais cedo ou mais tarde a bolha [do preço da habitação] deve explodir, como inevitavelmente todas as bolhas fazem quando suas superfícies não são suportadas por aumentos proporcionais da produção econômica”.<sup>19</sup> As cinco tendências de crise cultural que aponta (e haveria outras, provavelmente dependentes destas) estendem esse senso agudo de observação – agora não mais restrito ao universo etnográfico urbano, mas a tendências de práticas e visões que, como os pequenos eventos cotidianos, constroem relações sistêmicas que vão muito além do ‘local’ e ‘contextual’.

- *Comunidade e família*: domínio do consumismo sobre o bem-estar da família, do endividamento sobre a disciplina do orçamento familiar; busca de vantagens fiscais individuais em detrimento do bem-estar da comunidade.
- *Ensino versus credencialismo*: um sistema universitário mais focado em fornecer credenciais do que educação de alta qualidade.

---

animals gets used by other ones in the place” (entrevista com Bill Steigerwald, Revista Reason, Junho 2001).

<sup>19</sup> “In any case, sooner or later [the house price] bubble must burst, as inevitably all bubbles do when their surfaces are not supported by commensurate increases in economic production” (Jacobs, 2004:148).

- *A ciência abandonada*: Jacobs teme o recuo da ciência como construção de corpos contínuos e coerentes de conhecimento, e critica a elevação da economia como a principal ciência a considerar na tomada de grandes decisões políticas.
- *Práticas de governo*: governos se mostram mais focados em interesse de grupos do que no bem-estar de suas populações. Jacobs argumenta que as ideologias políticas e econômicas modernas não são diferentes das que dominavam no passado da civilização ocidental, como o Catolicismo da Idade Média. Jacobs rejeita o conceito de 'ideologia' como problemático, por oferecer respostas pré-fabricadas e desencorajar as pessoas a encontrar explicações e soluções racionais e cientificamente verificáveis.
- *Práticas de auto-regulação*. Em oposição à auto-observação, grupos tendem a exercer práticas conservadoras em sua própria preservação, à despeito de prejuízos coletivos e éticos.

Como vemos, não se trata um trabalho de teoria, nem de um trabalho normativo ou prescritivo, como um projeto político. Temos aqui uma análise informada de eventos e estruturas voláteis, e um clamor por atenção a fragilidades da sociedade contemporânea.

A abordagem do desenvolvimento econômico introduzida em *The Economy of Cities* seria retomada no próximo projeto, apenas iniciado, *Uncovering the Economy*, que visitarei adiante, ao falar da última hipótese de Jacobs. Em seu conjunto, seus argumentos passaram por fases notadamente distintas, mas com progressão e expansão temática, fortemente amparadas nas proposições imediatamente anteriores (figura 7).

<i>The Death and Life of Great American Cities</i> (1961)	Teoria da vizinhança bem sucedida	O papel do tamanho dos quarteirões Arquitetura e segurança: janelas e os 'olhos da rua'
<i>The Death and Life of Great American Cities</i> (1961)	Teoria da diversidade urbana	Diversidade de atividades: atrativos para pedestres Relação entre edifícios e atividades econômicas Cidades como redes vivas de relações: complexidade e auto-organização
<i>The Economy of Cities</i> (1969)	Crescimento das cidades e divisão do trabalho	Inversão da origem agricultura x cidade Cidades e a evolução da divisão do trabalho Cidades, inovação econômica e e criatividade humana
<i>The Economy of Cities</i> (1969)	Efeitos positivos da diversidade econômica	Teoria da substituição de importações Teoria das explosões cíclicas de crescimento urbano <i>Economias Jacobs</i> : efeitos entre setores da economia
<i>Cities and the Wealth of Nations</i> (1985)	Cidades como motores da economia das nações	Rejeição das nações como entidades salientes na economia A centralidade das cidades na economia das regiões
<i>Systems of Survival</i> (1992)	As fundações morais da vida social e política	O impulso ao comércio e o impulso à responsabilidade sobre o território, tradição e organização governamental como sistemas de valores e princípios civilizatórios.
<i>The Nature of Economies</i> (2000)	Relações entre economia e ecologia	Princípios comuns na continuidade de sistemas ecológicos e econômicos: diferenciação, generalidade, codesenvolvimento.
<i>Dark Age Ahead</i> (2004)	Riscos da crise cultural	Análise dos pontos de fragilidade da sociedade contemporânea na forma de cinco tendências de crise

Figura 7 – As principais contribuições teóricas de Jacobs. Fonte: Autor



Assim, a teoria da diversidade de atividades primárias para a vitalidade urbana de *Death and Life* ampara a proposição mais ampla da diversificação de economias locais via substituição de importações urbanas e ganhos tecnológicos entre setores, em *The Economy of Cities*; assim como essa descoberta, que Jacobs julgava a maior contribuição de sua carreira, foi expandida em sua análise da importância de cidades para economias regionais e nacionais em *Cities and the Wealth of Nations*. Por sua vez, entendo que *The Question of Separatism* é um livro que lida com configurações políticas contingenciais de sua experiência vivendo no Canadá desde 1969. Ele é parte da expansão temática, mas representa um elemento diferenciado dentro da obra – uma análise da separação de Quebec tida como potencialmente positiva; um trabalho sem aparente objetivo teórico. O comércio e a administração do território viram princípios civilizatórios em *Systems of Survival*, enquanto princípios da economia encontram paralelos na discussão integradora de ecossistemas e sistemas sociais em *The Nature of Economies*, ambos baseados e se beneficiando de processos de diferenciação, especialização e diversidade, vindos desde o embrião nos artigos do final dos anos 1950 e seu famoso livro de 1961. Finalmente, temos a grande reflexão sobre a cultura e o momento histórico em *Dark Age Ahead*. Cada fase levou anos para vir à tona, o que ocorria durante a lenta produção dos livros em si.

## Jane Jacobs, teórica?

Ninguém teve tantas coisas frescas e sensatas a dizer sobre a cidade.  
E é hora para que essas coisas sejam ditas e discutidas.<sup>20</sup>

Lewis Mumford, 22 Julho de 1958

Jane Jacobs não tinha treinamento acadêmico no campo do planejamento, teoria ou desenho urbano. Em função disso, a impressão de que Jacobs não é uma pensadora sistemática é compartilhada por alguns críticos. Por exemplo, seu primeiro livro é criticado por ser ‘não científico’, por ser ‘anedotal’, mesmo ‘amadorístico’.<sup>21</sup> Entretanto, as ideias que resumi acima dificilmente sugeririam suporte a essas impressões. Por outro lado, exaltações de Jacobs como ‘gênio do senso comum,’ como as biógrafas Lang e Wunsch (2009) a chamam, tampouco são precisas. Jacobs pensou a vida comum, mas com um notável entendimento dos fios invisíveis por trás dos eventos e fatos cotidianos. Jacobs dizia que não era uma ‘pensadora abstrata’,<sup>22</sup> mas investiu a maior parte de sua obra na busca desses fios, muitos dos quais estão ‘além da observação’: eles não são inteiramente aparentes a nenhum ator, e precisam ser reconstruídos pela imaginação e abstração (Netto, 2017a).

<sup>20</sup> “There is no one else who had so many fresh and sensible things to say about the city and it is high time that these things were said and discussed”. Mumford enviou essas palavras por carta (Jacobs, 2016b [2001]:101).

<sup>21</sup> Hospers (2006); Larice e Macdonald (2007); Harris (2011); veja Marshall (2012).

<sup>22</sup> Jacobs (2016b [2001]:77).

Segundo, precisamos discutir o que é teoria e como ela é produzida. Teoria não é feita apenas no formato clássico da elaboração de hipótese, seguida da sua demonstração empírica. Na verdade, essa forma de teoria é aquela produzida pelo chamado *método dedutivo*. No entanto, um sistema de ideias não precisa seguir esse caminho para se tornar teoria. Há métodos que são *indutivos*: vamos a campo, observamos o fenômeno e então tentamos explicar o que observamos. Mais que isso: ‘teoria’ é proposição de um sistema coerente de explicação de um fenômeno. E Jacobs fez isso dos dois modos: tanto o hipotético-dedutivo quanto o indutivo.

Muitos críticos parecem associar ‘teorizar’ com algum método formal, como a matemática. Mas evidentemente esse não precisa ser o caso. Teorizar inclui uma gama de linguagens, da verbal à quantitativa. Jacobs explicou coisas como a diversidade urbana, os vetores que geraram as cidades, as razões para terem sido inventadas, suas explosões de crescimento e quais as vantagens da diversidade para fertilizar uma economia e uma sociedade. Ela não propôs equações para esses fins (salvo uma pequena, elegante equação, provavelmente apenas retórica, em *The Economy of Cities*, como vimos acima). Mas isso não retira a função *explicativa* de sua teorização. Este termo sugere um novo item de discussão: a diferença entre ‘teoria explicativa’ e ‘teoria normativa’. A teoria explicativa tenta entender o que uma coisa é. Uma teoria normativa diz como uma coisa *deve ser*. O primeiro tipo de teoria pergunta “como isso funciona? Como isso acontece?”. A segunda, não. Jacobs sabia dessa diferença:

Alguns dos planejadores elogiam muitas qualidades urbanas de vitalidade, diversidade e contato entre diferentes tipos de pessoas, mas eles realmente não têm interesse em *como as coisas funcionam*. Eles continuam prescrevendo arbitrariamente *como as coisas devem ser* – quantas pessoas por hectare, quanto espaço aberto, e assim por diante. É um pensamento ilusório. Como os projetos nos quais, por você ter definido um passeio, as pessoas deverem supostamente passar por ele. [...] É muito importante entender como as coisas funcionam [...]. Por que as pessoas usam certos caminhos? Por que elas estão aqui e não estão lá? Por que comércios são bem sucedidos ou falham economicamente?<sup>23</sup>

Jacobs acreditava que operava dentro do método científico<sup>24</sup> – mas o que pode ser dito de modo justo é que ela não fez uso do método científico em toda sua extensão. Teorizar, seja a partir de observações, seja a partir de hipóteses, é *parte* do método científico. A outra parte envolve o confronto rigoroso com o problema empírico – seja

<sup>23</sup> “Some of [the planners] do praise a lot of urban qualities of liveliness and diversity and contact among different kinds of people, but they really have no interest in how things work. They go on prescribing arbitrarily how things should be – how many people per acre, how much open space, and so on. This is wishful thinking. Like the plans where, because you provide a promenade, people are supposed to stroll on it. [...] it’s terribly important to understand how things work [...]. Why do people use certain paths? Why are they here and not there? Why do stores succeed or fail economically?” (Jacobs, 2016b [1962]:19; itálicos são meus).

<sup>24</sup> “Actually, I think that what is called the scientific method often works the way I do” (Jacobs, 2016b [1993]:319). Veja ainda *Dark Age Ahead* (2004, capítulo 4, dedicado à importância da ciência).

de modo indutivo, no começo da investigação, seja ao final, na verificação das hipóteses. Ela contou com suas observações em diversas cidades que visitou nos Estados Unidos nos anos que precederam *Death and Life*, e buscou suporte em dados econômicos para *The Economy of Cities*. Mas Jacobs não testou suas teorias *a posteriori*. Essa prática não é incomum em uma disciplina na qual pouquíssimos teóricos verificam suas ideias com rigor empírico.<sup>25</sup> Entretanto, Jacobs entendeu a necessidade da observação do fenômeno *antes* de ditar como ele deve ser na realidade, como os praticantes da disciplina faziam (e fazem).<sup>26</sup> Ela urgiu seus leitores a manterem uma visão cética de suas ideias e as confrontarem com suas experiências,<sup>27</sup> e apreciava o uso de evidências como um estágio integral do método científico.<sup>28</sup>

## Jane Jacobs, teórica.

Teorias e outras abstrações são ferramentas poderosas somente no sentido limitado de que o gigante mitológico grego Antaeus era poderoso. Quando Antaeus não estava em contato íntimo com a terra, sua força rapidamente diminuía. O objetivo deste livro é trazer as abstrações econômicas rarefeitas para o contato com realidades terrenas, significando processos universais de desenvolvimento, crescimento e estabilidade que governam a vida econômica.<sup>29</sup>

*The Nature of Economies*

Explorando proposições indutivas e dedutivas, Jacobs construiu uma teoria ampla, que abrange a condição do ‘pequeno’ ao ‘grande’ – da vida urbana microscópica, como a afirmação da importância da idade das edificações, à proposições amplas, como seu papel na geração de novas atividades em uma economia, ou a ideia de ‘complexidade organizada’, que discutirei adiante. A habilidade teórica de Jacobs envolve derivar princípios de relações abstratas entre eventos observados em detalhe, então encaixados em cadeias de interação que se desdobram a partir deles – e as razões para tanto. Este é o espírito de uma teórica no sentido amplo da palavra: alguém que se expressa pela linguagem (no seu caso, a discursiva) como forma de construir explicações. Jacobs não temia “correr os riscos epistemológicos”.<sup>30</sup> Sua teoria não foi a de um ‘localismo’ ou ‘comunitarismo’. Ela trazia uma visão orgânica das interações e

<sup>25</sup> Veja a crítica de Marshall (2012) sobre as teorias de Lynch, Cullen, Jacobs e Alexander. Uma exceção ainda nos anos 1960 e 1970 são os testes geométricos de Martin e March, e Hillier e colegas a partir de 1976.

<sup>26</sup> Jacobs (1993 [1961]:575-6, 2016b [1962]:5, 15-19).

<sup>27</sup> Jacobs (2016a [2004]:406).

<sup>28</sup> “Science is distinguished from other pursuits by the precise and limited intellectual means that it employs and the integrity with which it uses its limited means” Jacobs (2004:65; 66-71); cf. Jacobs (2016a [2001]:372).

<sup>29</sup> “Theories and other abstractions are powerful tools only in the limited sense that the Greek mythological giant Antaeus was powerful. When Antaeus was not in intimate contact with earth, his strength rapidly ebbed. The aim of [...] this book is to bring rarefied economic abstractions into contact with earthy realities, meaning universal processes of development, growth and stability that govern economic life” (Jacobs, 2000:ix).

<sup>30</sup> Lembrando as palavras de Renato Mezan (2014:481-2).

relações espontâneas, e tecia generalizações a partir dos casos que observava – mas destacava o cuidado em não replica-las sem atenção ao que o particular de cada contexto significa.<sup>31</sup>

#### *O uso do método indutivo*

De fato, Jacobs usava frequentemente o raciocínio indutivo, mas seu modo de teorizar não operava exclusivamente assim, como veremos na seção ‘A última hipótese de Jacobs’. Tampouco era alheia à importância da evidência empírica. Ela entendia criticamente a relevância da estatística, por exemplo, observando que a técnica captura *correlações* e não *causalidades*, e acreditava que o uso de ilustrações anedotais fazia mais sentido empírico para o leitor, seu grande objetivo.<sup>32</sup> Essa forma de ilustrar princípios se relaciona de modo limitado com os procedimentos técnicos da teorização e apresentação de achados de pesquisa hoje, envolvendo a necessidade da demonstração de que uma ideia é realmente o caso. Ela atingiu uma quantidade de acertos memorável porque observou dezenas de cidades, viajando como jornalista para estudar setores da economia nos anos 1950, o que provavelmente levou a qualificar suas conclusões e reduzir os riscos de erro, sempre presentes. Hoje, depois de décadas de desenvolvimento na disciplina, o *modus operandi* das observações ‘a olho nu’ não pode ser considerado mais adequado. Além da necessidade de métodos rigorosos, vale a máxima de Durkheim: poucos casos não demonstram uma teoria.<sup>33</sup>

Duas notas importantes, sobretudo para pesquisadores em formação. Recomendaria a teorizarem livremente, assumindo os riscos, como Jacobs – mas, em seguida, a confrontarem suas especulações com a realidade, via métodos empíricos seguros e rigorosos – atentando para o fato de que, quanto *menor* o número de casos estudados, *maior* o risco de estarmos errados. A segunda nota se refere a um hábito saudável de investigação que podemos aprender com Jacobs: ao chegar em casa após suas caminhadas de observação, ela pegava sua máquina de escrever e registrava suas impressões. Esse cuidado no registro detalhado, onde nenhum evento é pequeno ou insignificante demais para não ser registrado, lembra o recurso das observações etnográficas. E se torna um exercício constante de investigação e reflexão sobre o problema em questão.

Naturalmente, um corpo de proposições dessa ordem, ambição e impacto não ficaria sem exame empírico. Dado que Jacobs atuava no início de um campo de saber e fora da sua instância institucional, na academia, alguns poderão pensar que não é inteiramente justo submeter suas ideias ao crivo empírico. Os estudos abaixo não diminuem Jacobs ou suas contribuições, ao submetê-los a *standards* que sequer estavam presentes no começo de sua trajetória na disciplina. Jacobs não era uma cientista, era uma *teórica*, abrindo portas para novos entendimentos. Mas não podemos dizer que sua teoria está *acima* da necessidade da verificação. Nenhuma

---

<sup>31</sup> Jacobs (1993 [1961]:575-6).

<sup>32</sup> Jacobs (2016a [2001]:376).

<sup>33</sup> Durkheim (1984). Indicação de Renato Saboya.

teoria poderia estar. Uma teoria pode *não ser passível* de verificação, por lidar com elementos que não podem ser observados diretamente. Isso não é incomum na teoria social ou na filosofia, por exemplo, que lidam com coisas e relações frequentemente invisíveis, ou que transcendem situações concretas e contextos locais. Para os demais casos, submeter uma teoria ao crivo empírico rigoroso é, na verdade, uma forma de consolida-la. Portanto, vejamos como as proposições de Jacobs tem sido vistas empiricamente.

## Verificando a teoria urbana de Jacobs

A teoria urbana de Jacobs enfrentou críticas, naturalmente. Por exemplo, condições morfológicas sistêmicas como a acessibilidade global da cidade estão fora do escopo da teoria. Ainda que tenha surgido naqueles anos, na geografia econômica – em Hansen (1959) e Alonso (1964) – a ideia de acessibilidade seria introduzida mais sistematicamente em estudos urbanos mais tarde, via trabalhos de interação e configuração espacial. O fato de seus livros serem reconhecidos como cheios de ideias, tanto em estudos urbanos quanto econômicos, não quer dizer que Jacobs estava sempre certa. Suas ideias ainda vem sendo verificadas.

Weicher (1973) e Schmidt (1977) parecem ter feito os primeiros confrontos empíricos. Por um lado, testaram variáveis da ‘vizinhança bem-sucedida’ apontadas em *Death and Life*, como indicadores de *incidência de crime* (delinquência juvenil), *saúde mental* (*proxy* para ‘saúde’, termo usado por Jacobs) e *mortalidade*. Por outro, usaram os fatores de diversidade de usos do solo, tamanho dos quarteirões, variação na idade dos edifícios, densidade de unidades residenciais (concentração suficiente de pessoas). Fizeram isso para duas cidades americanas, Chicago (sessenta e cinco áreas estudadas por Weicher) e Denver (Schmidt). Os artigos não oferecem descrições detalhadas das áreas em si, mas sugerem falhas da teoria jacobsoniana em predizer quais fatores teriam efeitos sobre crime, mortalidade e saúde. Weicher, contudo, encontrou traços de que quarteirões grandes parecem ter impactos negativos com a diversidade. Por sua vez, Schmidt encontra um relacionamento negativo entre densidade e diversidade. Um estudo posterior, de Fowler (1987), encontrou mais suporte para a teoria em Toronto, embora não confirme ou refute a necessidade das quatro condições da diversidade como um ‘pacote’ fechado (veja Marshall, 2012).

O fato de Jacobs não ter confrontado sua teoria com o mundo empírico rigorosamente, com recursos metodológicos mais adequados, a expõe mais ao risco da imprecisão. Ainda, o pacote das quatro condições da diversidade urbana para ‘vizinhanças bem sucedidas’ talvez não seja a melhor forma de testar sua teoria. O ponto chave em qualquer verificação de teoria é *como lidar com as coisas e relações em jogo*. Precisamos entender o quanto esses fatores fazem sentido para representar o fenômeno. Talvez a questão não seja avaliar ‘vizinhanças’ como entidade espacial e confrontá-las com variáveis como ‘crime’ ou ‘saúde’, como Jacobs propôs literalmente. Para entender a relação entre forma e vitalidade urbana, podemos buscar fatores

espaciais mais microscópicos, ativos dentro desse ‘pacote’. As causalidades inferidas por uma teoria podem estar no mundo real, mas precisam de formas apropriadas para serem ‘lidas’ de modo preciso, e aqui está a parte complicada de se fazer ciência. Achar as entidades espaciais e sociais certas para capturar relações significativas entre os fatores em jogo são o ponto mais delicado para o sucesso na construção de uma teoria, e na sua verificação.

Foi o que procuramos fazer com os colegas Renato Saboya e Júlio Vargas, em nosso estudo de dezenas de áreas, centenas de segmentos de ruas e milhares de edifícios em três capitais brasileiras (Rio de Janeiro, Porto Alegre e Florianópolis). Analisamos a forma urbana de modo mais analítico do que categorias como ‘vizinhança’ e características gerais como densidade. Focamos no edifício e utilizamos uma forma de classificá-lo em uma tipologia arquitetônica. Como fatores de vitalidade, usamos a presença de *pedestres* nas ruas e a *diversidade* das atividades nos edifícios (térreos e pavimentos superiores), avaliada precisamente. Encontramos, nas três capitais, correlações estatísticas positivas entre fatores de vitalidade e o edifício de *tipo contínuo* (colado ao vizinho, gerando quarteirões mais compactos), que Jacobs associava ao quarteirão tradicional, como os de Greenwich Village – e correlações negativas com o *tipo isolado* (Jacobs se referia aos vazios entre edifícios modernos, e à baixa taxa de ocupação, gerando quarteirões descontínuos e mais rarefeitos).<sup>34</sup> Ela não usava o conceito de ‘tipos arquitetônicos’, mas o espírito de sua leitura pode ser traduzido por esse conceito de modo mais analítico e com mais sentido empírico. Também encontramos relações fortemente positivas entre densidades de janelas e de pedestres, entre atividades comerciais e pedestres, e, em menor grau, entre a presença de pedestres e a diversidade das atividades. Mais que isso, o método que usamos permitiu encontrar evidências de *causalidade* entre características do espaço urbano e vitalidade urbana.<sup>35</sup>

Mesmo não usando exatamente as mesmas variáveis, nossos achados corroboram pontos substantivos centrais da teoria de Jacobs. Uma importante exceção foi a ideia de efeitos positivos da variação de *idade* dos edifícios sobre a vitalidade. No Brasil, a variação de idade corresponde fortemente com a variação dos *tipos*: edifícios mais antigos tendem a ser mais contínuos, ao passo que edifícios mais novos tendem a ser mais isolados. A variação da idade correlacionou *negativamente* com a presença de pedestres e com a diversidade de atividades. No entanto, essa diferença parece ter mais a ver a configuração do tipo do que com a idade (a idade é um fator coincidente). Isso também poderia estar presente no caso das cidades americanas observadas por Jacobs, dado que edifícios modernos já eram caracterizados pelos vazios em seu entorno imediato.

---

<sup>34</sup> Jacobs (1993 [1961]:279-281).

<sup>35</sup> Netto et al (2012), Netto (2017a, 2017b), Saboya et al (2017) e Vargas (2017).

Essa leitura pelo tempo comprometeu o entendimento de Jacobs em relação ao papel da morfologia arquitetônica, que procuramos evidenciar e corrigir.<sup>36</sup> Jacobs provavelmente queria enfatizar a importância da variação de idade dos edifícios como forma de gerar valores de imóveis e aluguéis variados, permitindo o acesso de públicos e rendas distintas, e a oportunidade de incluir empreendimentos jovens, com tendência a inovar (“novas ideias precisam de edifícios velhos”).<sup>37</sup> A questão foi problematizada por Glaeser (2010:144), mas o aspecto morfológico aparece corroborado pelos economistas Gordon e Ikeda (2011). Como veremos adiante, eles encontraram correlações positivas em cidades americanas entre o que chamam *densidades Jacobs* e fatores de inovação.

Outro aspecto em que a teoria urbana de Jacobs mostra limitações é sobre o efeito do *tamanho dos quarteirões* sobre a diversidade urbana. Ela observou Manhattan como caso: quarteirões com faces estreitas de um lado (70m), gerando grande permeabilidade e sucesso pedestre e comercial, e com faces longas do outro (280m), mostrando em geral menor presença comercial. A partir daí, aparentemente, Jacobs construiu a associação entre tamanho do quarteirão, permeabilidade e diversidade (figura 8). A questão é que o tamanho é apenas parte do problema. Jacobs não levou em conta dimensões mais sistêmicas do espaço urbano. As faces mais curtas dos quarteirões levam a ruas com mais conectividade. A ideia de ‘permeabilidade’ captura essa propriedade localmente, e aqui Jacobs está correta. Mas essas faces compõem as ruas longas que correm na ilha de Manhattan, comprida no sentido norte-sul. Essa condição geográfica gera uma rede alongada nesse sentido, ampliando ainda mais o número de conexões dessas ruas, e o seu peso na acessibilidade de todo o sistema viário de Manhattan. Elas passam a encurtar mais os caminhos entre lugares dentro e fora da ilha do que as ruas horizontais, e por isso, atraem mais pedestres, veículos e comércio. Ao não levar em conta a acessibilidade como um todo, Jacobs reduziu o problema da localização das atividades à permeabilidade local. No caso de Manhattan, seu pleno acerto foi uma coincidência. Essas dificuldades na abordagem de Jacobs aparecem em função de seu entendimento espacial, limitado pelo conhecimento então disponível – mas também ilustram o risco de abordagens baseadas exclusivamente na leitura local e na observação de poucos casos.

---

<sup>36</sup> Mesmo assim, nosso estudo envolveu apenas três cidades. Mesmo convergentes entre si, seus resultados não podem ser generalizados para outros casos. Mais estudos são necessários.

<sup>37</sup> Jacobs (1993 [1961]:245).

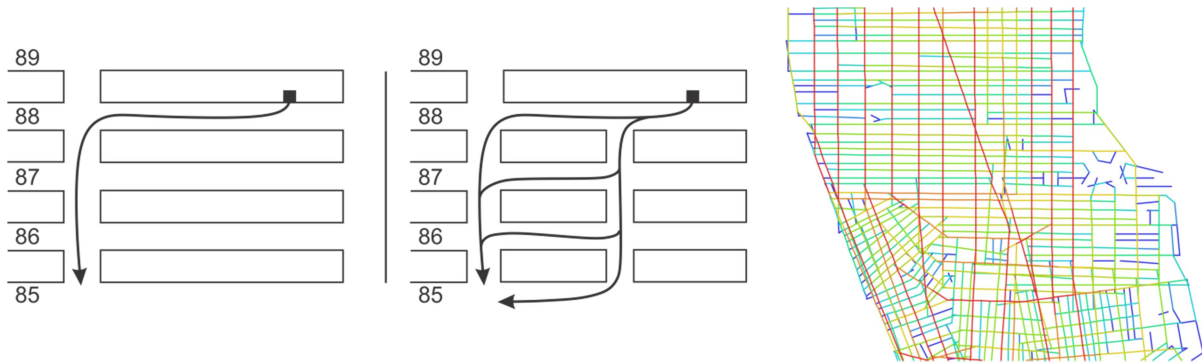


Figura 8 – Quarteirões longos e o estudo de permeabilidade de Jacobs para Manhattan (esquerda e centro), e a análise da acessibilidade geral em Manhattan (à direita). A linhas vermelhas neste último mapa indicam ruas com acessibilidade mais alta. Fonte: Netto e Cacholas, a partir de Jacobs (1961) e Hillier et al (2012)<sup>38</sup>

Entretanto, suas ideias estão fundamentalmente corretas quanto ao *efeito do tamanho do quarteirão sobre a acessibilidade*, algo implicado em sua atenção à importância da permeabilidade. Siksna (1997) verificou em doze cidades americanas e australianas os benefícios de quarteirões menores (entre 60-80m e 80-110m, abaixo de 10.000m<sup>2</sup>) para o movimento pedestre. Viu também que eles tendem a manter sua configuração no tempo, diferentemente dos quarteirões maiores (acima de 20.000m<sup>2</sup>). Karimi (1997) e Hillier (1999) demonstraram que quarteirões menores tendem a ser mais encontrados nas áreas centrais urbanas, e que eles melhoram a acessibilidade *geral* da cidade – não apenas acessibilidade *local*, como Jacobs e Siksna sugeriram. Estudos em Londres por Chiaradia et al (2012) também corroboram a proposição de Jacobs, mostrando que tamanhos de quarteirões reduzidos reduzem tempos de viagem. Analisando uma amostra maior, de estudos de caso antigos a contemporâneos, Porta et al (2014) também encontraram evidências de padrões de quarteirões menores no entorno de ruas comerciais. Considerados em conjunto, esses achados sugerem que, quando cidades crescem, os quarteirões em seus centros e em torno de seus principais eixos tendem a ser quebrados, criando um sistema mais denso de quarteirões e ruas, com efeitos benéficos sobre a mobilidade.

Há outros fatores como, *segurança*, e aqui os achados empíricos, ainda pouco numerosos no recente campo da pesquisa das condições urbanas do crime, são interessantes. Examinemos as evidências sob a luz de três das quatro condições da ‘vizinhança bem sucedida’ em Jacobs: a concentração de pessoas, a mistura de usos primários e o tamanho dos quarteirões. A quarta condição, a idade dos edifícios, não me parece ter sido ainda verificada empiricamente. Vejamos (i) *concentração de pessoas*. O estudo de Hillier e Sahbaz (2012) em uma extensa área em Londres aponta que a densidade residencial conectada às ruas é a variável mais importante na relação entre crime e espaço. Invasões a domicílio tendem a cair com o aumento na densidade residencial nas ruas. No Brasil, esse achado é corroborado por Monteiro e Cavalcanti (2017), no Recife: ruas com alta acessibilidade e baixa densidade de residências, com

<sup>38</sup> A acessibilidade de Manhattan foi avaliada pela medida topológica da ‘escolha’ – veja Hillier et al (2012).



menor movimento pedestre, apresentam mais ocorrências de crime. Hillier e Sahbaz chamam esses achados de *safety in numbers*, a segurança na densidade.

Já os resultados sobre a (ii) *mistura de usos primários* têm variações intrigantes. Ainda que não sejam numerosos o bastante para serem conclusivos, a maioria dos estudos aponta que, quanto maior o número de unidades residenciais em relação às não-residenciais, menor tende a ser a taxa de crimes (e.g. Anderson et al, 2013). Mas a relação não parece tão simples assim. Hillier e Sahbaz (2012) quebrando o problema do crime em assaltos a pedestres no espaço público e invasões a domicílio no espaço privado. Focando aqui no caso do pedestre, os autores mostram que há de fato uma tendência inicial de redução de ocorrências, quando áreas urbanas têm mais uso residencial. Naturalmente, ruas com mais pedestres (em alta correlação com comércios, como sabemos) tenderiam a ter mais crimes. É a força dos ‘grandes números’. Bettencourt e West (2010) viram essa tendência na variação de populações em cidades em todo o mundo. Mas essa tendência encontra uma virada. Áreas exclusivamente residenciais também se tornam inseguras. A proporção em que o número de unidades residenciais supera as não-residenciais é o ponto crítico aqui. Hillier e Sahbaz estimam que o pedestre está 68% mais seguro em ruas com predominância residencial, mas com presença de alguns comércios, do que estaria naquelas totalmente residenciais. A relação entre diversidade de atividades e as ocorrências contra o pedestre, portanto, não é linear. Há um ponto de mudança na passagem de áreas predominantemente comerciais, mais inseguras, a áreas *residenciais* – um ponto a partir do qual a tendência se inverte quando temos áreas inteiramente residenciais, nas quais retornamos à condição de mais insegurança. Há outro fator importante aqui. O *número absoluto* de ocorrências não deve ser confundindo com o *risco* de ocorrência: se onde há mais pedestres tende a haver mais crimes, o *risco individual* tende a ser menor – algo que muitos estudos parecem ignorar. Como o Hillier e Sahbaz argumentam, o ponto chave é medir o risco, porque ele indica o grau de segurança efetiva das pessoas.

(iii) O efeito do *tamanho dos quarteirões* também foi avaliado por Hillier e Sahbaz (2012), utilizando o segmento de rua e o edifício como entidades, numa análise de ‘alta resolução’, como chamaram. Seu achado aqui é linear: o número de assaltos aumenta progressivamente com o aumento da extensão da face do quarteirão. Essa análise precisa sugere uma inadequação metodológica de Weicher (1973), seguida por Schmidt (1977), em usar a área média dos quarteirões em certa parte da cidade, que termina por mascarar as diferenças entre extensões do quarteirão, bem como seus efeitos sobre as oportunidades de crime.<sup>39</sup> Resumindo, a densidade residencial (um

---

<sup>39</sup> Há outras inadequações. Weicher (1973) e Schmidt (1977) não usam a ocorrência de crimes como variável (a mais usada em estudos especializados em segurança urbana, e evocada por Jacobs, junto à ‘delinquência’). Isso é um problema, porque a delinquência pode ter fatores altamente contingenciais, algo que Jacobs também ignorou. Explorando a variável ‘saúde’, Weicher e Schmidt usam como variável a admissão em instituições mentais, um fator que também pode incluir contingências e perder traços da influência espacial da proximidade ou da vizinhança. A diversidade é medida como um produto de

item da *concentração* que Jacobs enfatizou), o comprimento do segmento de rua (*quarteirões pequenos*) e a presença de atividades não residenciais (o *mix de usos primários*) mostram correlações negativas com a ocorrência de crimes no espaço público. Três das quatro condições da vitalidade e da vizinhança bem sucedida de Jacobs, olhadas isoladamente em relação a crimes contra o pedestre, resistem enquanto proposição teórica.

Outra variável, associada aos ‘olhos da rua’ jacobsonianos, é a *visibilidade entre edificação e rua*. Monteiro e Cavalcanti (2017) apontam o impacto negativo dos muros, somada à baixa presença de pedestres, sobre a segurança. Incluindo tipo de interface entre o lote e a rua (como muros e grades) e a densidade linear de janelas em faces de quarteirão em Florianópolis, Vivan e Saboya (2017) apontam que, em condições similares de usos do solo, áreas com maior visibilidade apresentam menor ocorrência de crimes. Achados sobre invasões a domicílios, por sua vez, são mais difusos – e também inconclusivos. Mais estudos são necessários, para sabermos com confiança.

## Verificando a teoria econômica de Jacobs

Você claramente deixou o urbanismo um pouco para atrás e se moveu em direção à economia nos últimos quinze ou vinte anos.<sup>40</sup>

Jacobs tampouco se envolveu na verificação de suas hipóteses sobre o efeito da diversidade no crescimento urbano e no desenvolvimento de economias, mas vários estudos fizeram isso. Reunindo abordagens em geografia econômica, estudos regionais e a economia urbana, a *economia espacial* está centrada em questões como: quais são os vetores que produzem aglomeração? Eles seriam locais, como parece ser o caso da indústria do *software*, ou operam em escala regional, como parece ser o caso da indústria de móveis? Seus efeitos ficariam restritos entre atividades dentro de setores da economia, ou seriam abrangentes, estendendo-se a outros setores? Essas questões também pautaram Jacobs. Estendendo sua ênfase desde *Death and Life*, ela defendeu importância da fertilização *entre* setores da economia, animada por novas atividades e tecnologias emergindo e multiplicando a divisão do trabalho, assim como pelo processo de substituição das importações em economias locais, sua descoberta.

Diferentes forças podem levar à concentração das indústrias em *clusters* especializados e à concentração de diversas atividades numa mesma região ou cidade (Rosenthal e Strange, 2004), e muitos economistas discordam das condições em que essa concentração acontece. De acordo com Marshall (1890), Arrow (1962) e Romer (1986), a aglomeração e seus ganhos na economia se intensificam com a *localização* de

---

percentuais, sem uso de índices mais precisos, como Gini ou Shannon. Essas ‘miopias metodológicas’ foram ignoradas por Marshall (2012).

<sup>40</sup> “You have pretty clearly left urbanism somewhat behind and moved onto economics in the last fifteen or twenty years” Em entrevista (Kunstler, 2001:97).

empresas da mesma indústria, gerando especialização regional ou urbana.<sup>41</sup> Em contraste, Jacobs (1969a, 1969b) argumenta que a diversidade industrial, usualmente chamada de ‘economia de *urbanização*’, promove a inovação e o crescimento da produtividade, porque transferências de conhecimento valiosas ocorreriam entre diferentes indústrias, através da fertilização cruzada de ideias e tecnologias.

A discussão dos papéis da localização (especialização) e da urbanização (diversidade) na economia espacial foi caracterizada como *um confronto entre Marshall e Jacobs* (e.g. Panne, 2004; Rosenthal e Strange, 2004). Evidências dos efeitos de ambos os processos sobre a produtividade têm sido frequentemente encontradas. Por exemplo, duplicar o tamanho de uma cidade, ao agrupar diferentes indústrias, aumentaria a produtividade das suas atividades em percentuais variando de cerca de 3 a 8%, como mostram Sveikauskas (1975), Moomaw (1981), Tabuchi (1986) e Rosenthal e Strange (2004), entre outros – corroborando Jacobs. Comparando especialização e diversidade, Nakamura (1985) encontrou evidências dos efeitos do aumento de tamanho de uma indústria (especialização) no Japão, na forma de um aumento em torno de 4.5% sobre a produtividade, e um aumento de 3.4% a partir do aumento do tamanho da cidade (diversidade). Henderson et al (1995) verificaram que o crescimento do emprego é lento quando uma cidade não é diversificada, e que novas indústrias prosperam em grandes metrópoles e, ao amadurecerem, descentralizam em cidades mais especializadas. Henderson (2003) encontrou indícios de economias de localização de Marshall para setores de alta tecnologia, e de economias de urbanização de Jacobs para empresas corporativas em setores de produção de maquinário. Nakamura (2008) aponta que setores que recebem retornos positivos ou benefícios da urbanização têm economias de localização relativamente menores, e vice-versa. Lee et al (2010) identificaram que estabelecimentos em indústrias relativamente jovens dependem mais de ambientes diversificados, que os ajudam a crescer (consistente com Jacobs), enquanto os estabelecimentos em indústrias relativamente velhas recebem maiores benefícios externos no mesmo cluster industrial.

Desenvolvendo uma medida da variedade de indústrias em uma cidade, aplicada em observações entre 1956 e 1987 em 170 cidades americanas, Glaeser et al (1992) identificaram que distribuir o mesmo tipo de emprego em mais firmas aumenta a competição local, e conseqüentemente, a propagação do conhecimento, resultado que suporta a hipótese de Jacobs de que a competição local promove o crescimento (também corroborada por Feldman e Audretsch, 1999). Ainda de modo consistente com Jacobs, atestaram que firmas menores crescem mais rápido (como também atestam Rosenthal e Strange, 2004), e que setores econômicos em uma cidade crescem mais rápido quando o restante da cidade é menos especializado. Scherer (1982) apresenta evidências sistemáticas que indicam que cerca de 70% das invenções em uma determinada indústria são usadas *fora* dessa indústria, corroborando a hipótese

---

<sup>41</sup> Mesmo associado às economias de localização e especialização geográfica, Rosenthal e Strange (2004:11) argumentam que Marshall reconheceu os possíveis ganhos da aglomeração de diferentes setores ‘em um mesma vizinhança’, que viriam a se tornar o principal tema de Jacobs.

jacobsiana de inovações via fertilização cruzada. Há outros estudos buscando reconhecer o sentido empírico dos efeitos da especialização e da diversidade sobre a produtividade, inovação e crescimento, levando a um aumento significativo do número de citações de *The Economy of Cities* desde os anos 1990 (figura 9).<sup>42</sup>

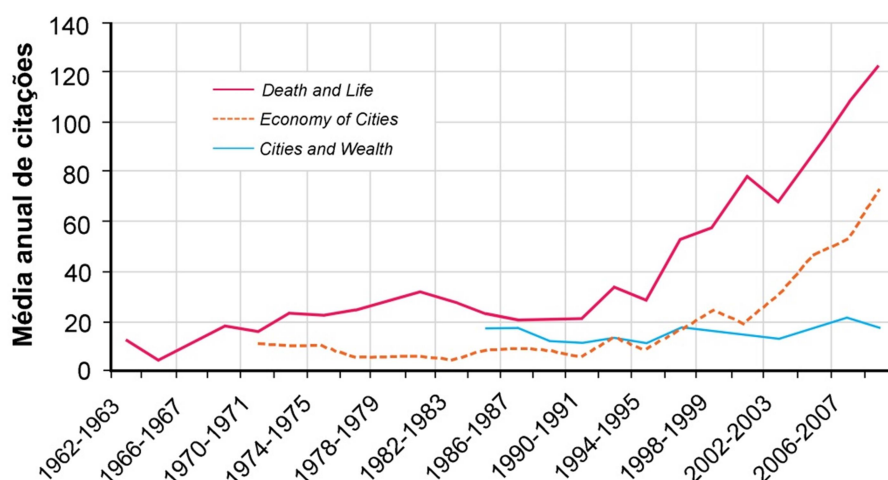


Figura 9 – O crescimento das citações de *The Economy of Cities*, em comparação com o clássico *Death and Life*, e *Cities and the Wealth of Nations*, de acordo com a *Web of Science*.

Fonte: Netto e Moreira, a partir de Harris (2011)

Um dos maiores reconhecimentos que pesquisadores podem receber é ter um fenômeno com seu nome – por exemplo, a famosa partícula ou *Bosom de Higgs*, ou o *efeito Doppler*, na física.<sup>43</sup> Os ganhos da diversidade na economia espacial ganharam o nome de *economias Jacobs*, aparentemente sugerido em Glaeser et al (1992).<sup>44</sup> Os autores argumentam que a teoria das externalidades dinâmicas de Jacobs é atraente porque tenta explicar simultaneamente como as cidades se formam e porque elas crescem (p.1128). Ikeda (2012) adiciona aqui o modo como economias não apenas crescem, produzindo mais, mas se *desenvolvem*, produzindo coisas diferentes e melhores. Recentemente, usando uma medida mais desagregada de densidade para capturar mais das diferenças ‘achatadas’ nas médias de variáveis em amplas áreas geográficas geralmente usadas por economistas, Gordon e Ikeda (2011) apontam que a morfologia sugerida por Jacobs, capaz de criar uma diversidade de destinos, ativar interações e formar redes espontaneamente, daria mais suporte à descoberta e difusão de inovações, avaliadas em números de registros de patentes e de pós-graduados envolvidos nas atividades, entre outros fatores. Eles chamaram esse ambiente de *densidades Jacobs*.

<sup>42</sup> Como Henderson (2003) e Rosenthal e Strange (2004), Nakamura (2008) encontrou efeitos de localização e de urbanização, consistentes com ambos Marshall e Jacobs, sendo os primeiros efeitos mais fortes – diferentemente de Glaeser et al (1992), que encontraram os efeitos da urbanização mais fortes.

<sup>43</sup> A partícula de Higgs é peça fundamental no modelo que descreve a massa à matéria. O efeito Doppler é observado nas ondas quando emitidas ou refletidas por um objeto que está em movimento com relação ao observador.

<sup>44</sup> Veja também Rosenthal e Strange (2004).

Uma nuance importante em Jacobs é que ela *evitava a demonização da economia*. Nas suas observações iniciais de Nova York, ela já mostrava interesse nos fios da trama ‘por trás’ da vida urbana, via leituras quase etnográficas da vida microeconômica. Percebia o quanto nossa atuação está frequentemente ligada à natureza material: buscamos atividades, interações, trabalho ou o ‘consumo inerente’, aquele que media nossa sobrevivência em culturas de troca e em sociedades com uma divisão do trabalho complexa. Jacobs não ignorava a importância da organização material em uma sociedade. Ela via uma continuidade entre ações de *associação* e ações de *reprodução material*. Via que *vida urbana* e *vida econômica* não são opostas, mas atravessam-se. Percebia que esta tampouco exclui as heterogeneidades do social – antes, cria as tramas que colocam diferentes campos e classes sociais em contato, algo importante para a vida política. Redes de troca animam os espaços públicos e misturam grupos que, de outro modo, poderiam ficar segregados entre si na cidade e na vida cotidiana. Ela não partia de uma rejeição *a priori* do consumo, mas não aceitava a aceleração e padronização do consumo, como a tomada das ruas por cadeias de lojas que desfaziam redes microscópicas da economia local, tornando lugares mais semelhantes entre si. Jacobs sabia que, como sistema complexo, nenhuma entidade pode desenhar inteiramente as tramas sociais e econômicas, seu funcionamento, ou as adaptações necessárias entre atores e a necessidade de interações abertas e de mudança.

As inferências de Jacobs tem atraído e, em boa parte, resistido ao crivo empírico – um feito para qualquer teórico, mas que soa mais impressionante se considerarmos que Jacobs as construía a partir de observações locais. A discussão desses estudos deu continuidade à exposição das proposições de Jacobs, e da discussão seu status como teórica, vistas nas seções anteriores – e representa o início de um mapeamento mais exaustivo das verificações de suas teorias que me parece ausente na literatura.<sup>45</sup> Isso posto, a importância de Jacobs vai além de suas ideias individuais estarem certas ou erradas: ela reside sobretudo no que suas ideias abriram como agendas de pesquisa e da prática.

## Teórica da auto-organização *avant la lettre*

O fato de Jane Jacobs ter tido suas ideias consideradas na economia espacial, mesmo sem ter educação formal em economia, mostra que há algo maior na ciência: *a força da ideia*. Contudo, ela faria contribuições em outra área, que veio a se estabelecer mais recentemente: a ciência da complexidade e auto-organização. Como Alexander (1965), ela rompeu com a obsessão com a aparência da ordem que atravessa as disciplinas e práticas da arquitetura e urbanismo em seus artigos de 1958, em *Death and Life* e, mais explicitamente, em “The self-generating growth of cities”, discurso no Royal Institute of British Architects (RIBA) em 1967 (veja Jacobs, 2016a). Ela via uma ordem mais profunda: a ordem da profusão, da complementaridade entre os diversos,

---

<sup>45</sup> Por exemplo, Marshall (2012) se limita a julgar a ‘cientificidade’ do trabalho de Jacobs a partir de três exames empíricos, sem examinar o grau de qualidade dessas análises, como vimos.

junto à importância da imprevisibilidade e da cidade como sistema aberto. O pesquisador de sistemas urbanos Romulo Krafta resume essa posição: “A ideia de cidade em Jacobs já estava baseada na auto-organização, em sistemas complexos, numa época em que esses conceitos científicos sequer estavam totalmente desenvolvidos. Assim, seu trabalho pode não ser científico em termos de métodos analíticos e evidências empíricas, mas sua metáfora da cidade estava à frente de seu tempo”.<sup>46</sup>

Se a inversão da importância das dinâmicas *top-down* (ditadas ‘de cima para baixo’, como por um agente centralizador) para o *bottom-up* (emergentes ‘de baixo para cima’, a partir das interações de uma infinidade de atores, acontecendo nos espaços onde o tecido da vida urbana se desenrola) já havia sido intuída na economia desde Adam Smith, Jacobs fez essa inversão em relação ao funcionamento das cidades. Jacobs não só era uma liderança em movimentos políticos de *grassroots*, mas também no entendimento de que processos da produção e da vida na cidade são coletivos, ao invés de guiados por poucos. Em suas décadas de atividade, teorizou sobre sistemas – em ruas, cidades, economias e na ecologia – e sobre a ‘complexidade organizada’, que seria chamada mais tarde de ‘auto-organização’. Jacobs era uma *teórica de redes* (lembre seu ensaio de 1958, “A living network of relationships”), fascinada pelas tramas da vida coletiva, expressas em trocas variadas e imprevisíveis no espaço urbano, e uma pioneira a se opor publicamente a sua destruição.

### Move like Jagger... Write like Jacobs<sup>47</sup>

Textos acadêmicos são notoriamente difíceis. Terminologia e linguagens cifradas ao ponto do impenetrável, às vezes até mesmo para especialistas trabalhando na mesma disciplina. Jacobs procurava evitar esse problema. Atuando como jornalista e escritora, dependia do entendimento fácil do leitor. Escreveu textos tanto para o público geral quanto para especialistas, e teve de dominar essa comunicação. Escrevia de maneira quase informal. É essa informalidade que é interpretada por ‘amadorismo’ aos menos atentos às suas proposições. Ela entendeu o que muitos acadêmicos têm dificuldade em fazer: escrever sobre coisas complexas de forma simples. Naturalmente, há uma dificuldade em se comunicar ideias complexas de modo simples, mas esta não é uma habilidade incomum entre aqueles que mais influenciam seus campos.

Para ter suas ideias lidas e ganhar impacto, Jacobs estava ciente de que não poderia fazer longos exercícios de abstração. Leitores precisam de situações concretas para entender rapidamente as relações em jogo, e Jacobs traduzia princípios mais gerais da vida urbana e econômica nessa forma, via ilustrações. Pelo mesmo motivo, Jacobs preferia as ‘evidências anedotais’ às estatísticas: ela achava que leitores entendem o

---

<sup>46</sup> Romulo Krafta, em comunicação pessoal.

<sup>47</sup> “Dance como [Mick] Jagger... Escreva como [Jane] Jacobs”, uma referência (bem humorada) à música do grupo pop Maroon 5, “Move like Jagger”.

sentido empírico de algo com mais clareza a partir de descrições do cotidiano.<sup>48</sup> Essas situações representavam princípios que as transcendiam, podendo mesmo ser encontradas em diferentes cidades e contextos. Essa habilidade de Jacobs segue exemplar hoje, mesmo que precisemos lidar com a necessidade de aprofundar nossas análises, e usarmos recursos metodológicos mais rigorosos.

## Jane Jacobs, *troublemaker*

– Were you a troublemaker?

– Yeah.<sup>49</sup>

A encarnação de Jacobs, ativista, é notória. Ela começa publicamente em 1943, enquanto trabalha na redação de *The Iron Age*, e organiza seu primeiro esforço político: uma campanha para assegurar que sua cidade natal, Scranton, receba fábricas e empregos na produção voltada para a II Guerra Mundial. Durante o chamado ‘Red Scare’, a paranoia coletiva sobre o comunismo nos EUA, enquanto trabalha para o State Department na publicação *Amerika*, chama a atenção do Federal Bureau of Investigation (FBI), em 1948. É interrogada em 1952 pelo State Department, ao que responde com uma carta que se tornaria conhecida (“Não há virtude em se conformar mansamente”) (Zipp and Storing, 2016).

Sua trajetória como ativista em Greenwich Village inicia em 1955, ao assinar a petição contra a construção de uma autoestrada sobre o histórico Washington Square Park, atravessando Manhattan para ligar New Jersey ao Brooklyn. Começa a atuar com o Emergency Committee para o fechamento de Washington Square para trânsito em 1958, enfrentando o poderoso Robert Moses, planejador responsável por dezenas de projetos em Nova York. A campanha pública foi bem sucedida. Essa primeira vitória contra Moses representou uma inspiração para a resistência de outras comunidades contra o planejamento *top-down*, tecnocrático, naquela cidade. Em 1960, atua para evitar a remoção de parte das calçadas na Hudson Square, sua rua. Em 1961, passa a liderar o West Village Committee contra o plano de destruição e reconstrução de parte de seu bairro. Uma nova vitória vem em 1962, quando a NYC Planning Commission retira a designação de *slum* (equivalente a nossa ‘favela’) de West Village, protegendo a área contra futuros projetos de renovação. De resto, Jacobs seguiria na ‘batalha com Moses’ (Flint, 2011) e a Lower Manhattan Expressway (LOMEX).

Jacobs chegou a escrever uma canção de protesto com um jovem cantor *folk*, Bob Dylan. Sim, isso está escrito corretamente: uma canção feita com Dylan, contra Moses. Sua existência foi confirmada pelo filho, Jim Jacobs, em entrevista recente. “Jane e Bob Dylan escreveram uma música juntos. Jane precisava de uma canção de protesto para a luta contra a Lower Manhattan Expressway, em Nova York. Um amigo

<sup>48</sup> Jacobs (2016a [2001]:372).

<sup>49</sup> Entrevistador: “Você criava confusão? / Jacobs: “Sim”. Metropolis (2001).

nosso, Harry Jackson, um artista, tinha um cantor *folk* dormindo no chão [da sua casa]. Ele enviou Dylan para a nossa casa. Jane o ajudou, dizendo-lhe como uma canção de protesto tinha de ser estruturada e funcionar. Acho que foi a primeira canção de protesto que ele escreveu.” Jim menciona que a canção nunca foi gravada (figura 10). Novos protestos evitam que parte do Soho seja destruído, ao final de 1962. Apesar do desejo de retomada do projeto, um novo prefeito, John Lindsay, é eleito em 1966 com a promessa de cancelar o LOMEX. Moses começa seu declínio.

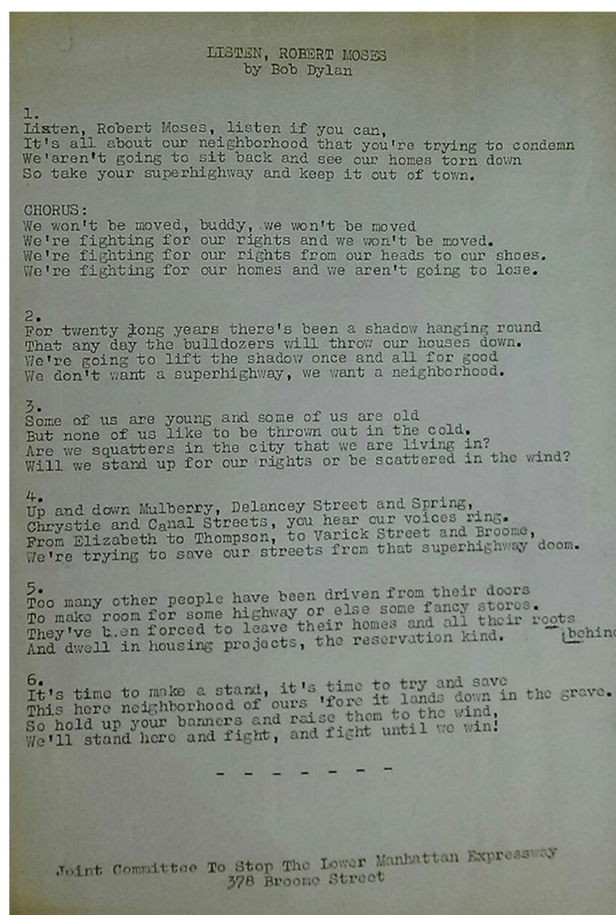


Figura 10 – Canção de protesto: Bob Dylan teria escrito esta letra com Jane Jacobs. Hoje, há uma ópera sendo encenada sobre o conflito entre Jacobs e Moses. Fonte: Brad Wheeler, *The Globe and Mail*<sup>50</sup>

A mais recente vitória no sul de Manhattan veio em boa hora. Outra causa passaria a demandar intenso ativismo: a guerra do Vietnã. Em 1967, Jacobs participa com a família da marcha ao Pentágono, em protesto. No mesmo ano, é presa e passa a noite na cadeia, onde é flagrada em foto ao lado da conhecida escritora Susan Sontag. Em seguida, o prefeito Lindsay ressuscita o projeto LOMEX, a infame autoestrada para Manhattan. Durante um encontro meramente burocrático promovido pelas autoridades para discutir o projeto em 1968, Jacobs discursa e é presa novamente, acusada de incitar protesto. No fatídico ano seguinte, leva a família para o Canadá,

<sup>50</sup> Publicada em 29 de Abril de 2016. Acessada em 9 de Março de 2017.



para evitar a prisão ou envio dos filhos para a guerra. Adotando Toronto, segue sua trajetória como ativista, liderando protestos contra novos projetos urbanos de renovação urbana. Torna-se cidadã canadense em 1971, país onde viveria suas três décadas seguintes.

### *Uma ativista sem concessões*

Ela foi uma libertária de direita. Ela foi uma ativista anti-guerra de esquerda.<sup>51</sup>

As posições de Jacobs não poupavam lados ou tipos de totalitarismo, e não eram livres de críticas. Seus “impulsos políticos contraditórios”, segundo Zipp e Storrington (2016:5), causavam desconfortos na direita e na esquerda. Suas teorias urbana, econômica e moral eram baseadas em uma visão de sistemas *sem um controle central*, onde a troca é livre e a possibilidade de interação e atuação é aberta. Ela rejeitava as visões de mundos pré-fabricados das utopias totalizantes, do planejamento à economia política (Jacobs, 2004:115). Ninguém pode “decidir o que a vida deveria ser para as pessoas, o que seria e o que não seria bom para elas. Isso é válido para todo o pensamento utópico”.<sup>52</sup>

Uma das dificuldades de se lidar com Jacobs (e dimensionar sua contribuição com precisão) é que ela se tornou um símbolo. Há certamente uma “frustração com a quase beatificação de Jane Jacobs” (Zipp e Storrington, 2016:4) – uma “santa Jacobs” infalível e inquestionável. Ela representa tanto o ativismo urbano quanto uma forma de cidade, densa e de escala próxima a do corpo. Sua persona passa por um processo incomum de fusão com seu objeto de estudo. Associamos Jacobs a certas características de cidade, a tipos de espaços, o que dá uma medida de seu impacto sobre a imaginação urbanística. De um modo ou outro, mesmo que involuntariamente, estamos cativos de suas ideias: nenhum outro autor evoca como ela o engajamento com o urbano. Mas suas ideias merecem algo melhor que isso: merecem o ceticismo que ela pedia a seus leitores.<sup>53</sup>

## Os livros, brevemente comentados

À minha própria maneira, eu me torno absolutamente implacável sobre não fazer nada mais, enquanto tento me concentrar em escrever um livro. Eu tenho que insistir nele e me concentrar.<sup>54</sup>

<sup>51</sup> “She was a right-wing libertarian. She was a left-wing antiwar protester” (Zipp e Storrington, 2016:4).

<sup>52</sup> “Disturber of the peace: Jane Jacobs”, entrevista em 1962 para a revista Mademoiselle (Jacobs, 2016b:10).

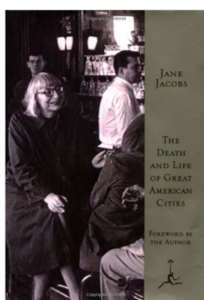
<sup>53</sup> Jacobs (2016a [2004]:406).

<sup>54</sup> “I get absolutely ruthless in my own way about not doing anything while I trying to concentrate on writing a book. I have to stick to it and concentrate” (Jacobs, 2016b [2001]:97).



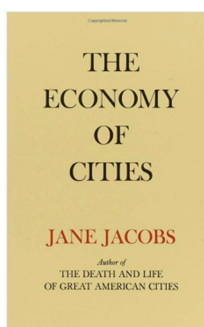
Figura 11 – A sequência de livros de Jacobs. Fonte: Autor<sup>55</sup>

A progressão do pensamento de Jacobs se mostra com clareza na sucessão de seus livros, com exceção talvez para a continuidade temática entre *The Economy of Cities* (1969) e *Cities and the Wealth of Nations* (1985), intercalada com o trabalho político *The Question of Separatism* (1980). Jacobs admitia que seu processo de escrita era longo e tortuoso, com rascunhos às vezes jogados literalmente fora. Ela usava a escrita para aprender: para entender os problemas em questão, e para esclarecer o que ela realmente queria dizer – um processo crivado de confusão e tentativas.<sup>56</sup> Jacobs publicou todos seus livros pela mesma editora, a Random House (figura 11).



#### *The Death and Life of Great American Cities* (1961)

“[T]alvez o trabalho individual mais influente na história do planejamento urbano”, segundo o *The New York Times*, o livro foi escrito entre o outono de 1958 e janeiro de 1961, no segundo andar da casa na 555 Hudson Street. Jacobs recebeu U\$ 2.000 da Rockefeller Foundation para iniciar o trabalho, e um adiantamento de U\$ 1.500 da Random House. Jacobs tinha como editor Jason Epstein, que viria a se tornar o lendário fundador do *New York Review of Books*, ativo até nossos dias. Jacobs seguiria com Epstein como seu editor por toda sua carreira.



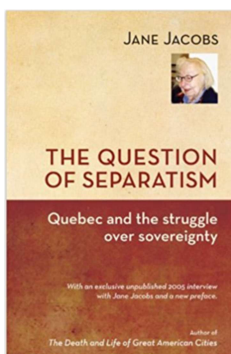
#### *The Economy of Cities* (1969)

O livro mais propositivo de Jacobs segue amplamente ignorado nos estudos urbanos, mas se tornou referência para economistas que pesquisam as forças que geram a cidade, a evolução da divisão do trabalho e os efeitos das interações locais entre atividades e setores

<sup>55</sup> Exceto *The Question of Separatism*, fora de catálogo.

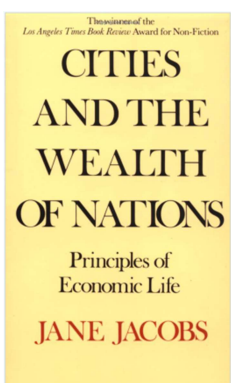
<sup>56</sup> “What I was doing was learning”. Veja a sobre seu processo criativo em Jacobs (2016a [1993]:319; 408).

de economias. No mesmo ano, publicaria seu único artigo acadêmico em periódico especializado de economia, “Strategies for helping cities”, na *American Economic Review*.



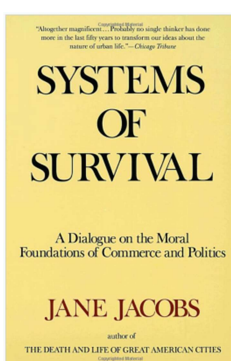
*The Question of Separatism: Quebec and the Struggle over Sovereignty* (1980)

Um argumento sobre a independência da província de Quebec e seus possíveis efeitos positivos sobre outras cidades e regiões do Canadá, o livro foi criticado no próprio Canadá sobre seu entendimento da política local. Hoje fora de catálogo, examina questões históricas e políticas da separação, e suas implicações econômicas. Isso não é surpreendente, dada a tese radical de Jacobs sobre o papel das cidades superior ao dos países na geração da vida econômica – a qual viria desenvolver explicitamente em seu próximo livro.



*Cities and the Wealth of Nations: Principles of Economic Life* (1985)

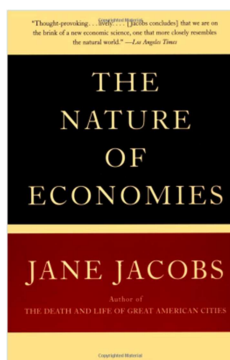
Iniciando com uma forte crítica de teorias desde Adam Smith e Karl Marx, Jacobs busca reescrever a teoria da vida econômica com a cidade em seu centro. No entanto, sua ênfase no papel das cidades parece subestimar a força das decisões supralocais, em escala globalizada, e das regulações de economias por parte das nações. Jacobs tampouco atinge a integração entre micro e macroeconomia que motivaria seu projeto inconcluso, *Uncovering the Economy*. Curiosamente, Robert Lucas (1988), futuro Nobel em economia, consideraria o papel de cidades e processos locais de aprendizado no desenvolvimento econômico de nações explicitamente a partir de Jacobs.



*Systems of Survival: A Dialogue on the Moral Foundations of Commerce and Politics* (1992)

Temos uma nova expansão na obra de Jacobs, agora em direção às fundações morais do comércio e seu lugar na vida coletiva. O título deste livro de Jacobs, como os outros, é agudo e impactante. Mas o texto apresenta uma espécie de novidade: o formato de um diálogo. Jacobs cria quatro personagens para discutir as ‘fundações morais do comércio e da política’. Ideias teóricas e ilustrações empíricas vão sendo construídas pelas falas desses personagens. Lembremos que Jacobs aspirava ser escritora desde bastante jovem. O recurso ecoa um formato de ficção – e Jacobs não foi a única a explorar esse formato. Os *Diálogos* de Platão trazem anedotas sobre Sócrates, escritas nessa mesma forma. Nietzsche usou o formato de personagens em seu *Assim Falava Zaratustra*. Em ambos os casos, a construção da narrativa transcorre em cenários no tempo. No caso de Jacobs, temos os diálogos entre personagens sem uma contextualização em suas próprias histórias, como é típico na ficção. No entanto, receio que o livro não tenha

grande apelo para leitores de ficção em geral, dada a natureza técnica da discussão e a ausência de outros recursos narrativos. Por outro lado, o formato também termina sendo pouco adequado para capturar leitores especializados, que tendem a não estar interessados em argumentos estruturados como diálogos e todo o aparato retórico que isso envolve.



### *The Nature of Economies* (2000)

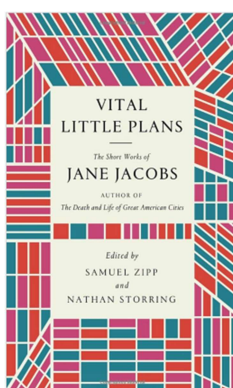
A mesma estrutura de diálogo e os mesmos personagens do livro anterior retornam neste novo trabalho. Essa estrutura fragmenta o argumento em direções distintas, na fala dos personagens, impedindo a progressão linear do raciocínio que um texto argumentativo oferece na forma de passos, seções e capítulos, nos quais um ponto leva claramente a outro. Torna o argumento opaco e se coloca como barreira em seu entendimento. Um clamor por uma visão unificada da vida, capaz de romper com as separações

historicamente construídas entre humanos e natureza, economia e ecologia, o livro tem suas contribuições terminam escondidas atrás do *Mise-en-scène*. Jacobs mencionou que optara por essa estrutura por estar entediada de escrever livros na forma convencional do ensaio.<sup>57</sup>



### *Dark Age Ahead* (2004)

Jacobs não poderia soar mais contundente e premonitória no seu último trabalho completado. Segundo seu editor Jason Epstein, este é um livro sobre a indiferença de governos às necessidades de seus cidadãos e uma cultura de ensino que premia mais as credenciais do que o aprendizado. A crítica da civilização incluiria ainda as culturas de especialistas autocentrados, conservadores e corporativistas, e as bolhas imobiliárias insustentáveis, entre outros vetores sistêmicos dos ‘tempos sinistros que viriam’...



### *Vital Little Plans: The Short Works of Jane Jacobs* (2016)

Coleção de textos escritos e entrevistas publicadas em revistas entre os anos 1930 e 2000, este volume recente é uma peça chave para conhecer a trajetória da autora. Iniciando por seus primeiros ensaios para a revista *Vogue* e o jornal *Herald Tribune*, os primeiros artigos especializados para a *Architectural Forum* e *Fortune*, bem como a transcrição de palestras, mostra o amplo leque da autora, e suas tiradas espirituosas, captadas por entrevistadores. O livro traz algo especial: trechos dos últimos textos, inéditos.

<sup>57</sup> Em entrevista com David Warren para *The Idler*, Summer 1993 (em Jacobs, 2016a:320).

## A última hipótese

Tenho uma hipótese completamente nova sobre como as economias, macroeconomias, formam-se e se organizam, e de onde esse tipo de vida vem. Mas é tão diferente da ideia padrão da vida econômica... Tudo [o que compõe] a hipótese está lá fora, acontecendo, e explica por tantas coisas que escapam e ficam ignoradas na economia usual... Eu sinto uma urgência sobre minha nova hipótese, mas tenho dúvidas se ela vai ser aceita.<sup>58</sup>

Teóricos sabem que *insights* são como joias: vem com grande custo e imersão, e quando vem, iluminam novas coisas. Jacobs teve mais do que uma ‘cota’ razoável deles: foram muitas proposições ao longo de uma carreira intelectualmente inquieta – a inquietude que já se manifestava na menina que desafiava a autoridade e conservadorismo da vida escolar. Não convertido em livro, o último insight apareceu anunciado em entrevistas, em 2004, e em capítulo, recém publicado na recente coletânea comemorativa de seu centésimo aniversário, em 2016.

### *Uncovering the Economy: A New Hypothesis*

Este é um livro de economia. Ele estabelece uma nova maneira de entender o comportamento macroeconômico: como se organiza e opera nos níveis urbano, nacional, continental, imperial e global, e se sustenta – ou deixa de se sustentar. A vida macroeconômica também envolve uma grande escala no sentido do tempo.<sup>59</sup>

A hipótese amarra achados dos seus livros anteriores em economia, de 1969 e 1985: o padrão de crescimento urbano esporádico, em explosões de diversificação e recombinação econômica; o processo de substituição de importações (*import replacement*); e a transferência de importações (*city import shifting*). Esses processos seriam agora integrados em um só, que organizaria também as redes da atividade *macroeconômica*, como numa reação em cadeia. O texto disponível se resume à introdução – possivelmente, um esboço. Interpreto seu raciocínio relacionando os aspectos e termos que ela traz. Como “fractais incidentais” se entrelaçando, essas redes se conectariam, atravessando diferentes escalas: cidades individuais, grupos de cidade, espaços rurais, regiões... “auto-organizando-se com um processo biológico” (p.430). Jacobs queria encontrar as raízes da macroeconomia nas ações das pessoas comuns, que atuam com os recursos que dispõem, a partir da improvisação e criatividade “como parte integral da inovação” (p.431).

Ela ainda buscava hipóteses.

<sup>58</sup> Em entrevista em 2 de maio de 2005. “I have an entirely new hypothesis on how economies, macroeconomies, form themselves and organize themselves, and where this kind of life comes from. But it’s so diferente from the standard idea of economic life [...]. Everything in the hypothesis is out there, happening, and it accounts for so many things that are just slid over and ignored in regular economics... I feel some urgency in my new hypothesis, yet I’m dubious it will be accepted” (Jacobs, 2016b:114-8).

<sup>59</sup> “This is an economics textbook. It sets forth a new way of understanding macroeconomic behavior: how it organizes itself and operates at urban, national, continental, imperial and global levels, sustains – or fails to sustain – itself. Macroeconomic life is also large-scale in the sense of time” (Jacobs, 2016b [2004]:406).

## Conclusões: pensando com Jacobs, para ir além de Jacobs

Há muitos autores que se fundem com seus objetos. Não por acaso, são autores que desvelaram a existência de campos fenomenais inteiros. Foucault redescobre o poder em sua microfísica, disciplinando corpos. Chomsky identifica estruturas cognitivas profundas da operação da mente e da linguagem. Weber descreve a centralidade da ação social como unidade de produção e interpretação de uma sociedade. Habermas reconstrói o lugar da comunicação e da racionalidade na vida e reprodução social. Jacobs faz algo parecido sobre a descoberta dos efeitos da morfologia em instâncias mais microscópicas que as poderosas forças centrípetas conhecidas pelos economistas; ela abre o modo como cidades se tornam fusões de sistemas materiais e sociais. A disciplina dos estudos urbanos ainda não tem (talvez nunca venha a ter) o *corpus* de conhecimento e reconhecimento de áreas como a sociologia ou economia – mas se vir a ter, Jacobs estará ocupando um lugar entre seus fundadores. Enquanto muitos lutam com linguagem obscura e pequenas adições, e seus trabalhos seguem ignorados, hoje podemos dizer que a senhora sem credenciais venceu: ela se tornou a teórica mais citada e importante de uma disciplina – e foi além dela. Não posso pensar em uma história que mostre mais claramente a força das ideias.

Naturalmente, é difícil fazer jus à obra de Jacobs em um único texto. Este tentou uma aproximação. A tarefa não se torna mais fácil porque a autora se tornou uma figura *larger than life*, como diz a expressão inglesa. Se fosse tentar resumi-la, eu diria que ela foi uma iconoclasta, demolidora de suposições estabelecidas e ortodoxias, que sentia liberdade para se mover com fluidez entre temas e campos; dona de uma postura intelectual independente, rejeitando visões de mundo dadas como *a priori*, alternando responsabilidade moral e valorização do mundo material; uma teórica com o olho para o pequeno e comum, mas capaz de tecer as relações mais amplas – relações que, como diria o epistemólogo Andrew Sayer, existem *além da observação*. Ela foi a pensadora da diversidade como motor da transformação de sistemas, uma teórica da autonomia e da materialidade da vida coletiva.

Este artigo não pôde explorar alguns dos *limites* da teoria jacobsoniana, como o problema da gentrificação, ou críticas de seu determinismo material.<sup>60</sup> Tampouco pôde explorar possibilidades de sua expansão. O que estará para além das bordas de suas ideias – o que nos permitiria expandi-las? Quais seriam as direções, as prospecções, as conexões entre os temas de Jacobs e outras abordagens, estendendo as ‘redes vivas’ das ideias? De qualquer modo, ter a dimensão dos temas abertos e das contribuições de Jacobs, entre as de outros autores originais, é um passo na reinvenção e aprofundamento da disciplina. Entre tantos textos, creio que li uma frase de Jacobs em que ela dizia não querer discípulos. Ela esperava ser superada – por novas ideias, teorias e evidências. *Pensar com Jacobs, para ir além de Jacobs*.

---

<sup>60</sup> Como Jacobs, penso que nossas ações são livres do determinismo material, mas não de condições materiais para acontecerem: espaços não ditam ações, mas fomentam as faíscas que geram as interações (veja Netto, 2017a, capítulo 7).

Uma nota pessoal, de fechamento. Não costumo pensar na forma de ficção, mas com alguma frequência imaginei uma ideia para um conto, como esses de realismo fantástico, nessas linhas. Alguns de nós, na medida em que contribuem para a cultura, para a espécie ou para a vida, com seus achados e ideias e feitos, passariam a merecer, por gesto divino ou *telos* universal, a imortalidade. Gigantes como Leonardo, Kant ou Derrida não teriam morrido, e andariam entre nós. Mesmo numa ficção, é difícil resistir à tentação de pensar que o mundo seria melhor se contasse com eles. Imagino que Jane Jacobs estaria entre esses a conquistar sua imortalidade e seguir caminhando. Por algum motivo, associo essa imagem com algo que o sociólogo Niklas Luhmann falava sobre consciências: a ideia de que elas seguem vivas nos significados que produzem. De certa forma, é exatamente isso o que acontece. Jacobs segue pulsando em seus textos, circulando entre nós.

## Agradecimentos

A Wesley Medeiros, pelo convite, pelas discussões sobre a presente edição, e pelo desafio de conhecer mais a fundo a obra jacobiana; à Lilian Laranja, Renato Saboya, Maria Fiszon e Andrei Crestani, pelas trocas e leituras críticas. Como é usual, os erros são de responsabilidade do autor.

Contato [ymnetto@id.uff.br](mailto:ymnetto@id.uff.br)

Visite [www.socialfabric.city](http://www.socialfabric.city) | <https://uff.academia.edu/ViniciusMNetto>

## Bibliografia Jacobsiana

- JACOBS, J. (1961) *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House. [1993] Modern Library edition.
- JACOBS, J. (1969a) *The Economy of Cities*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (1969b) Strategies for helping cities. *American Economic Review*, 59(4):652-56.
- JACOBS, J. (1980) *The Question of Separatism: Quebec and the Struggle over Sovereignty*. Random House and 2011 Baraka Books.
- JACOBS, J. (1985) *Cities and the Wealth of Nations*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (1992) *Systems of Survival: A Dialogue on the Moral Foundations of Commerce and Politics*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2000) *The Nature of Economies*. New York: Random House, The Modern Library.
- JACOBS, J. (2004) *Dark Age Ahead*. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2016a) *Vital Little Plans: The Short Works of Jane Jacobs*. Editado por Samuel Zipp e Nathan Storring. New York: Random House.
- JACOBS, J. (2016b) *The Last Interviews and Other Conversations*. New York: Melville House.

## Bibliografia sobre Jacobs usada no artigo

- FLINT, A. (2011) *Wrestling with Moses: How Jane Jacobs Took on New York's Master Builder and Transformed the American City*. New York: Random House.
- LANG, G.; WUNSCH, M. (2009) *Genius of Common Sense: Jane Jacobs and the Story of The Death and Life of Great American Cities*. Boston: Godine.
- LAURENCE, P. (2016) *Becoming Jane Jacobs*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

- PAGE, M.; MENNEL, T. (Org.) (2011) *Reconsidering Jane Jacobs*. Chicago, IL: Planners Press.
- ZIPP, S.; STORRING, N. (2016) Introduction. In: J. Jacobs, *Vital Little Plans: The Short Works of Jane Jacobs*. New York: Random House.

## Referências

- ALEXANDER, C. (1966) *A City is Not a Tree*. Design. London: Council of Industrial Design, 206.
- ALONSO, W. (1964) *Location and Land Use: Toward a General Theory of Land Rent*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- ANDERSON, J.M.; MACDONALD, J.M.; BLUTHENTHAL, R.; ASHWOOD, J.S. (2013) Reducing crime by shaping the built environment with zoning: an empirical study of Los Angeles. *University of Pennsylvania Law Review*, Vol. 161. 699-756.
- ARROW, K.J. (1962) The Economic Implications of Learning by Doing. *Rev. Econ. Studies* 29: 155-73.
- BATTY, M. (1976) *Urban Modelling: Algorithms, Calibrations, Predictions*. Cambridge, UK: Cambridge University Press
- BETTENCOURT, L.; WEST, G. (2010) A unified theory of urban living. *Nature* vol. 467. 912-913.
- CHIARADIA, A.; HILLIER, B.; SCHWANDER, C.; BARNES, Y. 2013. Compositional and Urban Form Effects on Residential Property Value Patterns in Greater London. *Urban Design and Planning* 166(3), 176-199.
- FELDMAN, M.P.; AUDRETSCH, D.B. (1999) Innovation in cities: science-based diversity, specialization and localized competition. *European Economic Review* 43: 409-429
- FOWLER, E.P. (1987) Street management and city design. *Social Forces* 66(2): 365-389.
- GLAESER, E. (2010) *The Triumph of the City: How Our Greatest Invention Makes Us Richer, Smarter, Greener, Healthier and Happier*. New York: Penguin.
- GLAESER, E.; KALLAL, H.; SCHEINKMAN, J.; SHLEIFER, A. (1992) Growth in Cities. *Journal of Political Economy* 100(6), 1126-1152.
- GORDON, P.; IKEDA, S. (2011) Does Density Matter? In *Handbook of Creative Cities* edited by D. Andersson, A. Andersson and C. Mellander. Cheltenham: Edward Elgar, 435-455.
- HANSEN, W.G. (1959) How Accessibility Shapes Land Use. *Journal of the American Institute of Planners* 25(2), 73-76.
- HARRIS, R. (2011) The magpie and the bee: Jane Jacobs's magnificent obsession. In: M. Page and T. Mennel (eds.) *Reconsidering Jane Jacobs*. Chicago, IL: Planners' Press, pp. 65-82.
- HELIE, M. (2010) To walk the path of Jane Jacobs. Review of *What We See, Advancing the Observations of Jane Jacobs*. Online. acessado em março, 2017.
- HENDERSON, J.V. (2003) Marshall's scale economies. *Journal of Urban Economics*, n. 53, p. 1-28.
- HENDERSON, J.V.; KUNCORO, A; TURNER, M. (1995) Industrial development in cities, *Journal of Political Economy*, 103, pp. 1067-1090.
- HILLIER, B. (1999) Centrality as a Process: Accounting for Attraction Inequalities in Deformed Grids. *Urban Design International* 4(3), 107-127.
- HILLIER, B.; YANG, T.; TURNER, A. (2012) Normalising least angle choice in Depthmap. *The Journal of Space Syntax*, Vol. 3 (2) 155-193.
- HILLIER, B.; SAHBAZ, O. (2012) High Resolution Analysis of Crime Patterns in Urban Street Networks: An Initial Statistical Sketch from an Ongoing Study of a London Borough. [www.ipam.ucla.edu/programs/chs2007/](http://www.ipam.ucla.edu/programs/chs2007/) acessado em Fevereiro 2017.
- HOSPERS, G.J. (2006) Jane Jacobs: Her life and work. *European Planning Studies* 14(6): 723-732.
- KARIMI, K. (1997) The Spatial Logic of Organic Cities in Iran and the United Kingdom'. In *Space Syntax: First International Symposium* edited by M.D. Major, L. Amorim and F. Dufaux. London: University College London.
- IKEDA, S. (2012) Economic Development from a Jacobsian Perspective. In: *The Urban Wisdom of Jane Jacobs*. Edited by S. Hirt. London: Routledge.
- LARICE, M.; MACDONALD, E. (2007) *The Urban Design Reader*. Abingdon, UK: Routledge.



- LEE, B.S; JANG, S.; HONG, S.H. (2010) Marshall's Scale Economies and Jacobs' Externality in Korea. *Urban Studies* 47 (14) 3131-3156.
- LUCAS, R.E. (1988) The Mechanics of Economic Development. *Journal of Monetary Economics*, 22(1), 3-42.
- LYNCH, K. (1988) *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes. [1960]
- MARSHALL, A. (1890) *Principles of Economics*. London: MacMillan.
- MARSHALL, S. (2012) Science, pseudo-science and urban design. *Urban Design International*, 17 pp. 257-27.
- MEZAN, R. (2014) O Tronco e os Ramos: Estudos de História da Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras.
- MONTEIRO, C.; CAVALCANTI, R. (2017) Perfis espaciais urbanos para avaliação de lugares vulneráveis ao crime. In: *Efeitos da Arquitetura: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. V.M. Netto, R.T. Saboya, T. Carvalho, J.C. Vargas (Orgs). Brasília: FRBH Edições.
- MOOMAW, R.L. (1981) Productivity and city size: a critique of the evidence. *Quarterly Journal of Economics* 96: 675-688.
- NAKAMURA, R. (1985) Agglomeration economies in urban manufacturing industries: a case of Japanese cities. *Journal of Urban Economics* 17: 108-124
- NAKAMURA, R. (2008) Changes in Agglomeration Economies and Linkage Externalities for Japanese Urban Manufacturing Industries: 1990 and 2000. RIETI Discussion paper.
- NETTO, V.M. (2017a) *The Social Fabric of Cities*. London & New York: Routledge.
- NETTO, V.M. (2017b) A cidade como resultado: consequências de escolhas arquitetônicas. In: *Efeitos da Arquitetura: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. V.M. Netto, R.T. Saboya, T. Carvalho, J.C. Vargas (Orgs). Brasília: FRBH Edições.
- NETTO, V.M.; VARGAS, J.C.; SABOYA, R.T. (2012) (Buscando) Os efeitos sociais da morfologia arquitetônica. *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v. 4, n. 2.
- PANNE, G. (2004) Agglomeration externalities: Marshall versus Jacobs. *Journal of Evolutionary Economics* 14: 593-604.
- PORTA, S.; ROMICE, O.; MAXWELL, J.A.; RUSSEL, P.; BAIRD, D. (2014) Alterations in Scale: Patterns of Change in Main Street across Time and Space. *Urban Studies* 51(16), 3383-3400.
- ROMER, P.M. (1986) Increasing Returns and Long-Run Growth. *J.P.E.* 94: 1002-37.
- ROSENTHAL, S.; STRANGE, W. (2004) Evidence on the nature and sources of agglomeration economies. In: Henderson, J.V.; Thisse J.-F. (Org). *Handbook of Urban and Regional Economics*. New York: North Holland, n. 4, p. 2.119-2.171.
- SABOYA, R.T. VARGAS, J.C.; NETTO, V.M. (2017) Fatores morfológicos da vitalidade urbana: uma investigação sobre a arquitetura e seus efeitos. In: *Efeitos da Arquitetura: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. V.M. Netto, R.T. Saboya, T. Carvalho, J.C. Vargas (Orgs). Brasília: FRBH Edições.
- SCHERER, F.M. (1982) Inter-Industry Technology Flows in the United States. *Res. Policy* 1: 227-45.
- SCHMIDT, C.G. (1977) Influence of land use diversity upon neighborhood success: an analysis of Jacobs' theory. *The Annals of Regional Science*, Volume 11, Issue 1, pp 53-65
- SIKSNA, A. (1997) The Effects of Block Size and Form in North American and Australian City Centres. *Urban Morphology*, 1(1), 19-33.
- SVEIKAUSKAS, L. (1975) The productivity of cities. *Quarterly Journal of Economics* 89,393-413.
- TABUCHI, T. (1986) Urban agglomeration, capital augmenting technology, and labor Market equilibrium. *Journal of Urban Economics* 20, 211-228.
- VARGAS, J.C. (2017) Forma urbana e transporte a pé: mobilidade, caminhabilidade, vitalidade. In: *Efeitos da Arquitetura: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. V.M. Netto, R.T. Saboya, T. Carvalho, J.C. Vargas (Orgs). Brasília: FRBH Edições.
- VIVAN, M.; SABOYA, R.T. (2017) Arquitetura, espaço urbano e criminalidade: efeitos de visibilidade na distribuição de ocorrência de crimes. In: *Efeitos da Arquitetura: Os impactos da urbanização contemporânea no Brasil*. V.M. Netto, R.T. Saboya, T. Carvalho, J.C. Vargas (Orgs). Brasília: FRBH Edições.
- WEBER, M. (1978) *Economy and Society Vol.1*. Berkeley: University of California Press [1920].

WEICHER, J. C. (1973), A Test of Jane Jacob's Theory of Successful Neighborhoods. *Journal of Regional Science*, Vol. 13, No. 1, pp. 29-40.

WILSON, A. (1967) Mathematical models in planning. *Arena*, 82, 260-265.